

5 SET 1980

Setor de...
CA POSTAL 5098
CURITIBA - PARANÁ - BRASIL

BOL. Nº 129/131

S B E D V

BL ISSN 0037 - 8666

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS SOBRE DISCOS VOADORES

Julho/Dezembro-79

— editado em outubro-79

End.: Caixa Postal nº 16.017 — Correio do Largo do Machado

Rio de Janeiro — Brasil



Fig. 1. Foto da testemunha Dna. Clélia
(ler item nº 6)

CIPEX - Cx. P. 24.555

Agência Uberaba

Curitiba - Paraná - Brasil

Cep. 81.570-971

e.mail: cipexbr@yahoo.com

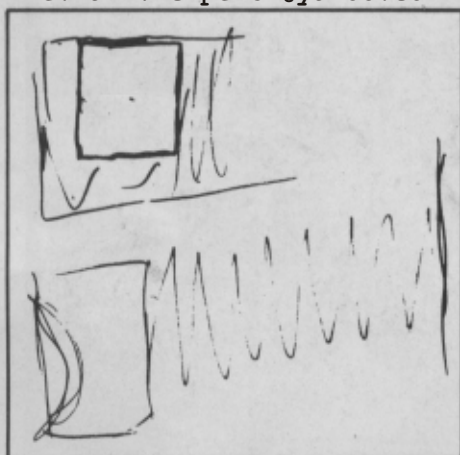


Fig. 3. Croquis de Dna. Clélia: o "aparelho
examinador" (item nº 6).

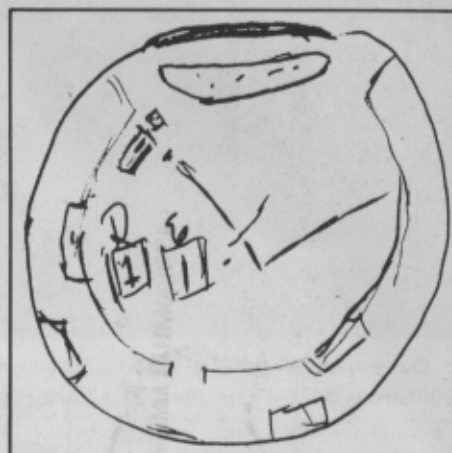


Fig. 2A. Croquis de Dna. Clélia: Planta baixa
do interior do DV (ler item nº 6).

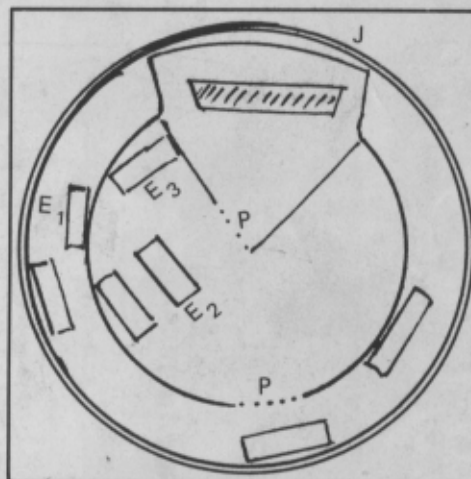


Fig. 2B. Desenho referente a 2A (item nº 6).

Fig. 4. Foto de Carlos Ar-
tur Ribeiro da Rocha (Car-
linhos Sideral) — (item nº 6).

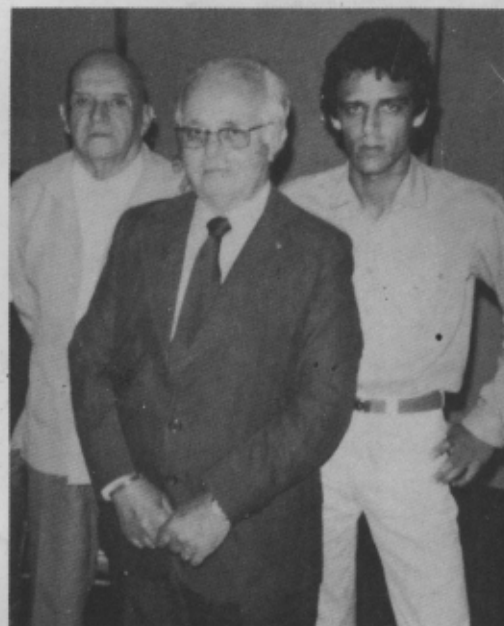


Fig. 5. Da esquerda para a direita: os ufôlo-
gos Dr. Sylvio Lago (médico) e Dr. Moacir
Uchoa (engenheiro) e a testemunha Paulo Cou-
tinho (estudante) — (item nº 6).



Fig. 6. Da esquerda para a direita: ufólogos paulistas Prof. Guilherme Wirz e Ute Pereira; e cariocas Dr. Walter Buhler e casal Glueck.



Fig. 7. Reprodução de recorte da capa de "Lumières dans la Nuit", nº 183, referente à moção na ONU em relação à pesquisa ufológica (item nº 5).



Fig. 8. Reproduções pictoriais do "Il Giornale del Misteri", nº 90, com referência à pesquisa sobre ufonautas (item nº 5).

TIME JULY 2, 1979

United States

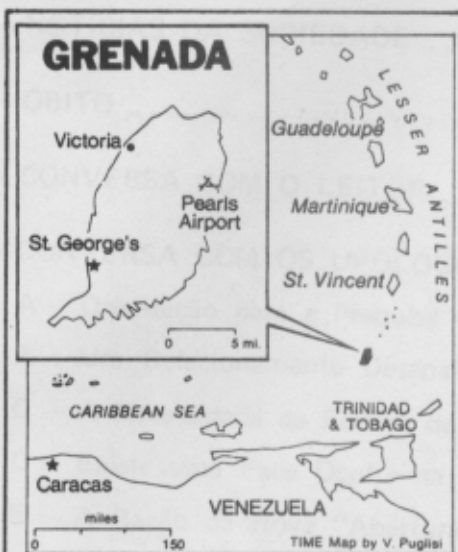


Army forces viewing an A-bomb blast in 1955 from five miles away in Nevada

Rediscovering the Past

Congress investigates injuries caused by atomic tests

Fig. 9. Foto do "Time Magazine" de 2/7/79. Explosão atômica no estado de Nevada, USA. Em primeiro plano, soldados expondo-se a radiações gama (item nº 4).



TIME, APRIL 2, 1979

World



Sir Eric Gairy making 1978 plea at the United Nations on behalf of UFOs

GRENADA

The Fall of a Warlock

Fig. 11. Reprodução da revista "Time Magazine", de 2/4/79, referente à deposição de Mr. Gairy (primeiro Ministro da Ilha Grenada) – (item nº 5).



Walter Gierke

Fig. 10. "Charge" do Jornal do Brasil, 1/4/79, com referência às prerrogativas de alguns participantes de congressos, ao abordarem um problema (item nº 4).

rt" that
ersy. It
wonder
quately
rens, a
ctically
rely the
n semi-

tenable
viewed
l good-
ent ad-
Amer-
atefully
eir ap-
hat the

an unsinkable

to read about
learn that the
carriage in the
ation later. The
ssess the things
guise of bless-
This is a recipe

decisions com-
on safe? Is for-
n? Are the con-
k of circulatory
m product an-
ysicians. Amer-
sion Chairman
"dominated by
tell us of our

at the faith of



one
cou

per
tho
wo
pro
cy
fair
anc
pro
ine
nuc

fusi
tize
pla

ernment ar
the public
proved, fri
did not tell
know it. J
Regulatory
ficials, as ti
"We are o
gering arou

Intenti
in a plight
mer rankir
icals and P
workers in
icals they
disclosed l
Dwight Eis
of radiation
vada in the
inhabitants
possibly let



Fig. 12. Alegoria aos cientistas cuja credibilidade esta deteriorada (de Time M., 14/5/79) – (ler item nº 4).

ÍNDICE

01	– CONSTITUIÇÃO DA DIRETORIA	07
02	– NOTÍCIAS DA SOCIEDADE	07
03	– ÔBITO	07
04	– CONVERSA COM O LEITOR	08
05	– CONVERSA COM OS UFÓLOGOS	13
	A – Orientação para a Pesquisa Objetiva e “In loco”	13
	B – Um Relacionamento Desapaixonado entre Pesquisadores	13
	C – A Necessidade da Feitura de Boletins de Trabalho	13
	D – Existe uma Face Oculta na Ufologia?	14
	E – A Razão da Nova “Abertura” no Campo da Ufologia	14
	F – O Funcionamento da Nova “Abertura”	15
	G – Mais e Mais Aberturas	15
	H – Conclusões	15
	J – Referências	17
	K – Explicações das Figuras Relativas ao Texto	18
06	– SEQUESTRO UFOLÓGICO OCORRIDO NO SACO – DE SÃO FRANCISCO – NITEROI (ESTADO DO RIO DE JANEIRO)	19
	A – Dados	19
	B – Relato do Episódio	19
	C – Esclarecimentos Adicionais e Comentário Finais	21
	D – Explicação das Figuras Relativas ao Texto	22
	E – Ata de Regressão ao Episódio, em Sono Hipnótico	23
07	– ENGLISH SUMMARY	34

1 - CONSTITUIÇÃO DA DIRETORIA

Para o período 1977/1981, está assim constituída a Diretoria da SBEDV:

Presidente: Dr. Walter Karl Buhler, acumulando as funções de: 1º Vice-Presidente, 1º Tesoureiro e 2º Tesoureiro.

2º Vice-Presidente: Dr. Guilherme Pereira,

acumulando as funções de: 1º Secretário e 2º Secretário.

Conselho Fiscal: Wilson Teixeira e Amanda Alves Pinto.

Suplentes do Conselho Fiscal: Otto Erwin Gluck, Almiro Baraúna e Francisco Sá Borges.

2 - NOTÍCIAS DA SOCIEDADE

Tendo em vista restringir as atividades burocráticas, em prol da pesquisa ufológica e da preparação de boletins, foram estabelecidas as seguintes modificações nos Estatutos da SBEDV:

a) fica suspensa, provisoriamente, a admissão de novos Sócios;

b) será paga pelo Sócio uma anuidade preestabelecida em Boletim ou Circular, po

dendo ser eliminado pela Diretoria o Sócio que faltar ao pagamento;

c) a Sociedade será administrada por uma Diretoria com mandato de 5 (cinco) anos;

d) os Diretores poderão exercer cumulativamente as vagas deixadas pelos colegas.

Para 1979, ficou estabelecido em Cr\$140,00 o valor da anuidade.

3 - ÓBITO

Temos o doloroso dever de comunicar a morte de colaborador da SBEDV. Trata-se do Dr. Mário Prudente Aquino, que faleceu em 19 de maio de 1979, com 66 anos de idade, em Lorena, sua cidade natal.

Mário, formado em odontologia, estava se aposentando como funcionário da Polícia Federal, quando foi fulminado por curta porém maligna moléstia.

Por volta da década de 60 foi Mário um dos mais aplicados pesquisadores da SBEDV. Dedicou-se a vários episódios ocorridos nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, dando conta disso largo-número de boletins da SBEDV como os de nº 26/27, págs. 7 a 11, 39/41, págs. 5 a 6, 45/47, págs. 1 a 3, 45/47, págs. 10 a 11, 48/50, págs. 3 a 6, 51/53, págs. 3 a 5, e 54, págs. 15 a 16. Tiveram realce os efeitos de seus esforços na pesquisa do caso de Antônio Villas Boas, em São Francisco de Sales, no Triângulo Mineiro, em 1962. Foi a

publicação deste caso, em 1962, o início do período moderno da ufologia, isto é, da publicação aberta dos episódios de tripulantes de discos voadores, até então mantidos em segredo pela política, assim como no caso concreto de Antônio também. Talepi sódio. ocorrido em 1958, e assim quatro anos antes, já era do conhecimento do Prof. Allen Hynek, da USAF, APRO e das comissões ufológicas confidenciais brasileiras.

Mário, pela coragem, perspicácia e pertinácia que demonstrou na pesquisa deste palpitante assunto vai continuar vivo nos corações de muitos ufologistas. Pelo menos, nos corações daqueles, como os da SBEDV, que com ele puderam conviver com a sua sinceridade e sua pessoa sensível, sempre voltada a mitigar injustiças ao seu redor.

Amigo leal como poucos há, Mário deixou, além de nós, viúva e três filhos menores. Participamos com a família de Mário da dor pela perda do ente insubstituível, cujo exemplo viverá em nossos corações.

Na tarde de 21.5.79 - e assim dois meses após a edição do nosso Boletim 126/128, que publicava a entrevista do Coronel Rui Guardiola acerca do sobrevôo da armada de discos voadores que avistara sobre a base aérea do Campos dos Afonsos - tivemos a grata satisfação de ouvir notícias pelo telefone do, aliás muito ocupado, nosso coronel. Ele nos deu conta ainda do comentário do Prof. Hynek sobre o episódio. Esse comentário foi feito durante o churrasco no Campo dos Afonsos com o qual o coronel homenageou esse célebre ufologista norte-americano, quando de sua vinda ao Brasil para participar do congresso da APEX, de São Paulo, em março deste ano.

Nesta oportunidade, lembramos aos nossos leitores que o Coronel Guardiola havia presenciado esse fenômeno ufológico na companhia de mais dois casais, além de sua própria esposa. Acreditamos que, além dessas testemunhas, algumas das numerosas sentinelas dessa importante e grande base aérea tenham presenciado também o fato. Aliás, o coronel havia concedido entrevistas à imprensa carioca sobre o episódio, (1, 2, 3, 4). Se compreendemos bem o coronel ao telefone, o Prof. Hynek teria "descaracterizado" esse fenômeno como de natureza ufológica. Embora o Coronel Guardiola não nos tenha externado sua opinião sobre tal comentário, pensamos poder consolá-lo a esse respeito. É que ele originou-se de pessoa ocupada, durante mais de vinte anos e sob contrato com a Força Aérea dos Estados Unidos, em "despistar" para o público os fenômenos dos discos voadores.

OBSERVAÇÃO

Já melhorou a antiga atitude de Hynek (ref. 5, ref. 6 e ref. 7), quanto ao desmistamento "que era sua tarefa a desincumbir-se..." (ref. 8), porquanto dele "... era o privilégio de ler relatórios (ufológicos) raros da Força Aérea.... o que não queria perder..." (ref. 9). Possivelmente, um destes relatos era o do brasileiro Antônio Villas Boas, de 1958, mantido em segredo até que a SBEDV conseguiu pesquisar o caso também, em 1962, publicando-o.

Içado em segredo para um escalão mais elevado (ref. 10), Hynek é agora diretor do UFO Centro, de Evanston-Chicago, e do grupo encarregado de "educar o público na questão dos UFOs e influenciar governos estrangeiros". Estes organismos foram criados secretamente pela Rand Corporation (um pequeno Pentágono da Força Aérea), mas, de pois tornados públicos (ref. 11, 12 e 13).

Nestas suas novas funções, Hynek visitou o Brasil em 1975, quando foi acompanhado pelo subsecretário da Força Aérea e fez palestra no Congresso Federal em Brasília, tendo ainda seus contatos em alto nível facilitados pelo General Moacir Uchoa. Estava este último, para isso entrosado com as Forças Armadas, Conselhos de Segurança, Ministério do Exterior (ref. 14), e áreas de segurança nacional e SNI (ref. 15).

Essa foi a atividade de Hynek quando também esteve novamente entre nós, em março de 1979. Assim, ele fez uma metamorfose em comparação à sua antiga profissão de despistador. Também a sua recente referência jocosa de "homenzinhos verdes do espaço exterior..." (ref. 16), frente ao comitê espacial da ONU explica-se pela ojeriza que ele sente ainda pelos contatos amigáveis entre ufonautas e testemunhas terrestres e suas "confraternizações".

Como afirma o nosso associado José Renato de Souza (ref. 17), "sabemos por experiência do passado que a humanidade demora a aceitar os progressos imediatos...". E no seu desejo de mudança, maior que Hynek, Renato está acompanhado pelo Conselheiro de Segurança da Casa Branca, Brzezinski (ref. 18), que diz: "... é nossa tarefa dirigir mudanças para posições positivas, identificando o país com as nossas idéias pela (larga) comunicação...".

Temos a impressão de que Brzezinski não queria referir-se apenas à retirada do seu apoio às poucas ditaduras terrestres ainda de pé. Mas, principalmente à abertura aos povos dos canais de comunicação e da informática, pois somente assim, através destes, poderão eles democraticamente informar-se para ulteriores deliberações e decisões.

É que se descobriu que no passado inúmeras das informações consistiam apenas de deformações dos fatos. Como exemplo, o dos "experts atômicos" "... que não advertiram os habitantes das regiões próximas aos testes de bombas atômicas em Nevada, dos possíveis perigos mortais em consequência das doses de irradiações às quais estavam expostas..." (ref. 21). Pior ainda foi o silêncio que encobriu coisas condenáveis como as "escolas de tortura" (ref. 23, 24 e 25).

A solução imediata para coibir a desinformação política no campo da ufologia é delineada pelos dois exemplos seguintes.

No primeiro caso, os próprios Estados Unidos, para se livrarem da influência política incontrolada dos "agentes" em seu próprio país, determinaram que estes, quando a serviço de outra nação, teriam de re-

gistrar-se como tais (ref. 26 e 27). Aplicado ao campo ufológico e ao resto do mundo, isto significaria que toda pessoa agindo neste setor a serviço de outra nação haveria de dar conhecimento disto ao Ministério do Interior e áreas de segurança.

A segunda solução foi exemplificada pelo professor Claude Pöher, do Centro Nacional de Estudos Espaciais (CNRS), da França, ao qual havia sido entregue em tempo integral (ref. 28), a chefia do Grupo dos Estudos dos Fenômenos Aéreos Não-Identificados (GEPAN). Quando se apercebeu de que o estudo do segredo (ref. 29 e 30), seguia o caminho "a la Condon", quer dizer, pela trilha do despistamento, o Prof. Pöher pediu baixa de seu cargo (ref. 31). Foi um ato de integridade moral deste cientista, exemplo este digno a ser imitado por outros ufologistas políticos.

Mas, seria uma abertura ou só uma nova modalidade de combate ao assunto UFO, a de "não fazer mais oposição absoluta" para evitar uma radicalização maior entre os "dissidentes", a ufologia de um lado e os dogmas ufológicos estatais de outro lado?

"..... - "pois o poder pode ser mantido sem o pleno uso da força..... num regime de democracia restrita...". Isto teria sido recomendado especialmente aos governos do terceiro mundo, pela Comissão Trilateral Norte-Americana, Japão e Europa (ref. 32). No passado, já nos ocupamos dessa comissão, organizada pelo Sr. David Rockefeller (ref. 33).

A abertura de Hynek prender-se-ia a essa nova concepção, de não fazer oposição cerrada em demasia, para, em caso de necessidade, poder operar também no campo da oposição vencedora. As lições da guerra do Vietnã, do caso Watergate (onde um governo sucumbiu) e do caso do ayatolá do Irã foram as mais expressivas, para serem tomadas em consideração até pelo governo e o diretor de Langley, General Turner. Tais aberturas evitariam "confrontos radicais".

Naturalmente, intensamente ocupado com a sua profissão e a família, o nosso coronel não teria tido oportunidade de vasculhar a função presente do Sr. Hynek. Este foi secretamente promovido a escalão mais elevado da USAF, provavelmente correspondendo ao atual programa da Rand Corporation de continuar a "educar o público e governos estrangeiros" acerca do problema UFO. Com as suas viagens multinacionais (Austrália, México, Brasil, Colômbia, Itália, Japão, Canadá, Inglaterra, etc.).

De outro lado, o Coronel Guardioli comunicou-nos fato dos mais auspiciosos. Re-

ferindo-nos à sua participação, em futuro próximo, junto ao norte-americano Gary Rickman na pesquisa de contatos entre entidades extraterrestres e terrestres. Trata-se especificamente do casal Ermírio e Bianca, de Belo Horizonte, aliás bastante conhecidos dos telespectadores. Fazemos votos de que, como tudo faz crer, esta e outras pesquisas relativas ao caso sejam publicadas pela pesquisadora Professora Irene Granchi na revista "OVNI Documento". Talvez isso seja feito em conjunto (ou em separado) com outra pesquisa sobre extraterrestres realizada há anos em Brasília pelo Sr. Fernando Cleto Nunes Pereira, porventura ainda colaborador dessa revista. Naquela ocasião chegamos a conhecer apenas superficialmente este último caso, pelo próprio pesquisador e ainda através do boletim norte-americano "Mark Age". O protagonista desse episódio teria sido um garçom, então empregado em Brasília, que fora levado para outro planeta, onde teve suas forças físicas testadas.

Embora tais notícias tenham sido das mais alvissareiras, sentimos ainda um choque entre a filosofia terrestre e as idéias dos extraterrestres. Estes últimos condenam o mau uso da energia atômica (ref. 34, 35 e 36) e a fabricação de bombas, (ref. 37).

CIPEX e GENA
2004

OBSERVAÇÃO

Segundo o livro de Zhores Medvedjev "Relatório e Análise da Catástrofe Atômica na USSR, Até Agora Secreta", (ref. 38 e 39), houve na região dos Urais, Rússia, nos anos 50, um pavoroso desastre com o lixo atômico acumulado naquela área. Por um processo de difusão e de erosão, até a data de hoje a superfície da região destruída parece alargar-se em lenta morte biológica. (SBEDV: Talvez isso seja visível até pelos satélites espies). Esse desastre havia sido confirmado logo de início, pelos vôos de espionagem dos aviões U-2 da CIA. Entretanto, o conhecimento do fato não teria sido difundido para não alarmar nem prejudicar o comércio da indústria nuclear atômica do Ocidente, então nos seus primórdios.

É que a humanidade, ao aplicar novas tecnologias e ao afastar-se cada vez mais da Natureza, caminha para a sua própria destruição, ao desrespeitar as leis ecológicas desta mesma Natureza (ref. 40 e 41). Talvez, da mesma forma, o homem, no seu inter-relacionamento psico-social, ao desrespeitar o próximo, fira leis semelhantes às presentes no equilíbrio ecológico. Se atempou não aprendermos a respeitar as leis de inter-relacionamento humano, talvez o homem, do mesmo modo que os saúrios, vá desaparecer um dia da superfície desta Terra.

Destarte, compreendemos a hostilidade que todos os governos terrestres, indiferentemente, movem ao assunto extraterrestre, UFO, disco voador. Claro está que todos os funcionários dos governos não obedecem às ordens superiores quando se trata de dar combate ao assunto (42 e 43), embora às vezes de forma encoberta clandestinamente pelos serviços secretos governamentais ou por "colégios ufológicos confidenciais". Estes últimos são grupos de civis ligados a organizações paragovernamentais e paramilitares. Temos o maior respeito pelo Idealismo dos oficiais e eminentes ufólogos brasileiros, como o General Moacir Uchoa, que se diz esotérico, e o Coronel Guardiola, que até considera o problema UFO como do próprio Cristo e nos confidenciou já haver combatido intensamente em seu posto e serviço secreto a ideologia extremista e materialista. Entretanto, quando chegarem ordens superiores de combate, aberto ou encoberto, ao assunto disco voador, não sabemos qual será a atitude dos dois. Acreditamos que prevalecerá a integridade moral de cada um, em quaisquer que sejam as circunstâncias.

Não queremos entretanto cultivar negativismo malsão. Principalmente quando as mentes da atual humanidade encontram-se numa vertiginosa ebulição para a evolução, como, por exemplo a Igreja católica, para o ecumenismo. Ao nosso ver, isso representa enorme passo à frente quando olhamos para trás, para o tempo da inquisição na Idade Média.

Acreditamos que chegou a hora de avançar na Ufologia, da mesma forma como se superou a guerra do Vietnã. Lembramos a foto do "Time M." (44) publicada anos atrás pelo nosso Boletim (45). Ela demonstra a possibilidade de os líderes terrestres externarem serenamente pró e contra as suas idéias em mesa-redonda. Da mesma forma, poderiam ser expostas nos congressos ufológicos as idéias pró e contra o contato com extraterrestres. Pessoas de mão firme e que sabem onde querem chegar, como o nosso General Uchoa e o nosso Coronel Guardiola, poderiam dirigir-se a esses múltiplos congressos em vias de realização em nosso país, (46, 47, 48, 49 e 50), para exporem publicamente o problema (51).

OBSERVAÇÃO

Em nosso Boletim nr. 116/120, pág. 2 a 4, esclarecemos as razões de a Diretoria da SBEDV não participar desses Congressos. Então, foi uma surpresa vermos o nome do presidente da SBEDV incluído, pelos organizadores, na respectiva "Comissão de Honra". Principalmente, estranhamos profundamente a "não inclusão" do nome daquele, que, sem

favor algum, pode ser reconhecido como o maior ufólogo pesquisador brasileiro: o Professor Dr. Húlvio Brant Aleixo (CICOANI - Belo Horizonte), pioneiro destes estudos, entre nós, e também criador de uma certa "metodologia de pesquisa"; seu conhecimento de causa e sua contribuição à pesquisa nada ficam a dever a qualquer nome entre os citados como "experts" internacionais.

CIPEX e GENA

2004

Naturalmente, nesses congressos não seria usada a razão da "FORÇA", conforme da conta pictoricamente a figura nº 10 (ref. 52). Como argumentos melhores, serviriam as fotos dos tripulantes, extraterrestres feitas, embora raras, mas nem por isso menos impressionantes. Podemos citar, por exemplo, as fotos que teriam sido realizadas por Márcilio Braga de Godói, São Paulo, e aquelas feitas do contato de extraterrestre com Wilson Gusmão, em Brasília. Esta última série deixou-nos pessoalmente deveras impressionados. A respeito da publicação desta foto em questão, dirigimos apelo ao General Uchoa, por intermédio do Coronel Guardiola, que prontamente acedeu.

Assim, fazemos votos de que a comissão da FAB de estudo do problema UFO, a ser reativada dentro em breve conforme nos confidenciou o nosso coronel, não seja usada para intimidar testemunhas de contato ou cerceá-los. Mas que essa comissão procure legalizar e oficializar os contatos, liberando para o largo público, televisão, rádio e jornais, os indícios objetivos que provam esses episódios, como as fotos batidas e os relatórios conseguidos. Não apenas alguns líderes, mas, o povo como um todo poderá então decidir o que fazer dessas provas no futuro com relação a tais contatos.

Naturalmente, onde existe muito assunto represado sempre haverá o perigo de se soltá-lo impensadamente. Entretanto, as próprias aberturas feitas pelo governo norte-americano, ao nível da ONU (pelos Srs. Hynek, Poher e Vallée) e ao nível da CIA (pelo MUFON e Ground Saucer Watch), mostram essa boa vontade e expressam compreensão acerca do perigo da perda de credibilidade e desgaste oficial pelo contínuo represamento da verdade. Aliás, este perigo de esfacelamento está sendo representado pictoricamente na fig. nº 12 em relação à ciência e aos cientistas atrelados à política e que faltavam muito com a verdade (artigo de fundo do Time-M) (21, 53, 54, 55, 56), cuja jacobinidade vem começando a ser questionada. Este assunto será ainda abordado com mais detalhes e maior profundidade no item seguinte.

REFERÊNCIAS

CIPEX e GENA
2004

- 1- Última Hora - Rio - 13/3/78 "Discos so brevoaram o Rio: "Coronel aviador viu tudo".
- 2- A Notícia - Rio 13/3/78 "Discos Voadores deixaram muita gente em pânico".
- 3- O Globo - Rio - 13/3/78 "Objetos no céu, ministério no Rio".
- 4- Estado de São Paulo - S.P. 14/3/78 "Objetos voador avistado também nos céus do Rio".
- 5- Boletim da SBEDV nr. 104/111, págs. 6 a 8.
- 6- Bol. da SBEDV nr. 116/120, pág. 2.
- 7- Bol. da SBEDV nr. 121/125, págs. 12 a 14.
- 8- Proceedings of the Eastern (APRO-UFO) Symposium 1971 In Baltimore, pág. 27.
- 9- Flying Saucer Review-Londres - vol. 20, nr. 3, 1974.
- 10- APRO Bulletin, maio/junho 1969, pág. 1.
- 11- Skylook da MUFON, fev. 1973, pág. 7.
- 12- Skylook da MUFON, julho 1973, pág. 16.
- 13- Skylook da MUFON, março 1974, pág. 6.
- 14- Programa da APEX, São Paulo, para o Congresso 1975.
- 15- "Parapsicologia e os Discos Voadores, General Moacir Uchôa, Grupo Expansão Cultural 1973, pág. 75.
- 16- OVNÍ Documento nr. 3, abril/junho 1979, pág. 3.
- 17- O Globo - Rio - 2/11/78 "As máquinas Voadores dos Mundos distantes".
- 18- Time M., 14/5/79 - "Guiding Change (mudanças deliberadas)".
- 19- Jornal do Brasil 6/8/79 - "Radiação se ria causa da morte de John Wayne".
- 20- Brazil Herald 26/7/79 - "Nuclear tests bring lawsuits".
- 21- Time M., 14/5/79 - "A New Distrust of the Experts".
- 22- O Globo-Rio, julho 1979 - "Advogado aponta crimes que legislação não prevê".
- 23- Jornal do Brasil 16/6/79 - "Professores de Tortura".
- 24- "Hidden Terros" - A.J. Langguth.
- 25- "Passaporte 11.333, oito anos com a CIA" - Manuel Hevia Casculluelá.
- 26- Time M. 11/6/79 - "Private Access".
- 27- Time M., 30/1/78 - "New Orders for the Admiral Turner".
- 28- Bufora Journal 7, nr. 3, set/out.1978.
- 29- UFO-MUFON Journal nr. 130, set.1978.
- 30- Comunicação particular de Mrs. Jean Bas tade em 10/2/79.
- 31- Inforespace nr. 44, março 1979, pág. 5 - "Le Point sur le GEPAN e ses Secrets".
- 32- Jornal do Brasil 22/4/79 "Senador acha.."
- 33- Boletim da SBEDV nr. 112/115, pág. 16.
- 34- Jornal do Brasil 28/4/79 "Acidente nuclear alerta os EUA para perigos do futuro".
- 35- Jornal do Brasil 29/2/79 "EUA revela agora acidente ocorrido em 54".
- 36- Jornal do Brasil 20/4/79 - "EUA não sa bem ainda como tornar lixo atômico in cuo".
- 37- Boletim Especial da SBEDV-1975, pág. 8 (Hélio Aguiar) pág. 50 (Artur Berlet), Bol. nº 4, pág. 4 (Prof. Freitas Guimarães).
- 38- Edit. Hoffmann e Campe, Hamburgo, 1979.
- 39- Die Christengemeinschaft" 6/6/79 - Ura chhaus, Stuttgart.
- 40- "Knowledge and Entropy - an evolutionary outlook", Pietro Passerini, Firenze, Itali.
- 41- "Catastrophist Geology" 3-1, junho 1978, B. Kloosterman, Caixa Postal 41003, Santa Teresa, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- 42- O Globo - Rio - "Washington impede divulgação de OVNIS".
- 43- Diário de São Paulo - S.P. 24/4/79 - "Uma Campanha contra os Discos Voadores".
- 44- Time M. 2 de junho 1965.
- 45- Boletim da SBEDV nr. 42/44, figura nr. 16.
- 46- Em São Paulo, Congresso Nacional da APEX, 15 a 18 de março 1979.
- 47- No Rio de Janeiro, palestra da APEX e IPRJ, 2 de junho 1979.
- 48- No Rio de Janeiro, Congresso da APEX e ARCA, 21/22 de julho 1979.
- 49- Em Alegrete (RS), Congresso de Navexologia, 3 a 5 de agosto 1979.
- 50- Em São Paulo, Encontro Brasil (IBACE) - Perú na Câmara Internacional de Ufologia, 18/19 de agosto, 1979.
- 51- Em Brasília, Congresso Internacional de Ufologia, 26 a 30 de outubro 1979.
- 52- Jornal do Brasil - 1/4/79.
- 53- O Globo - Rio 10/10/77 "Cientistas denunciam a fraude nos laboratórios".

54- Basler National Zeitg. - Basel/Suissa,
29/1/77 "Desonestidade dos Cientistas".

55- Estado de São Paulo - S.P. 17/4/77.

56- Frankfurter Zeitung 20/2/76.

CIPEX e GENA
2004

Explicação das Figuras Relativas ao Texto

Fig. 9 - Foto do "Time Magazine" de 2/7/79. Explosão atômica no Estado de Nevada, USA. Em primeiro plano, soldados expondo-se a radiação gama.

Fig. 10 - "Charge" do Jornal do Brasil, 1/4/79, com referência às prero-

gativas de alguns participantes de congressos, ao abordarem um problema.

Fig. 12 - Alegoria aos cientistas cuja credibilidade está deteriorada (do Time Magazine, 14/5/79).

5 - CONVERSA COM OS UFÓLOGOS

A - Orientação para a Pesquisa Objetiva e "In loco"

Em seus primórdios de pesquisa, a SBEDV foi beneficiada pelos contatos que manteve com a equipe do CICOANI, de Belo Horizonte, especialmente com o seu presidente, o professor de psicologia Húlvio Brant Aleixo. Este, pacientemente, explicava naquela ocasião aos prepostos da SBEDV a melhor maneira de interrogar a testemunha de um contato. Mais tarde, a SBEDV teria a oportunidade de comparar a mesma pesquisa a que havia assistido, agora já sedimentada em soberbo relatório acompanhado de excelentes figuras explicativas (realizadas pelo então acadêmico Alberto do Carmo), e ainda com os comentários necessários ao caso, bem como seguido também de oportunos relatos de fatos semelhantes (1). Citamos isso pelo fato de todos os outros grupos de pesquisa não terem contado com as facilidades com que contou a SBEDV. Procuramos compensar essa possível falha com a elaboração de um capítulo destinado à pesquisa, publicado no Boletim Especial 1975, sob o item "L". Lá, o iniciante em pesquisas ufológicas poderá rememorar as recomendações do CICOANI. Contudo, fazemos votos de que tenha a oportunidade de, junto com o Professor Húlvio e suas pacientes explicações, poder em contato direto e agradável absorver mais dados e técnicas de pesquisa do excelente grupo do CICOANI.

B - Um Relacionamento Desapaixonado entre Pesquisadores

A sabedoria ufológica de um pesquisador dos mais experimentados torna-se nula, ou quase nula, quando comparada com a realidade das civilizações que procura estudar, já que estas distam dele milhões de quilômetros, senão dias ou anos luz. E, ainda mais, o estado de desenvolvimento dessas civilizações pode ser até incompreensível para nós, pois é provável que elas estejam a dois mil anos à nossa frente, talvez dois milhões ou dois bilhões de anos.

Desta maneira, quando comparado com os extraterrestres, o conhecimento de um ufólogo experimentado e o de um ufólogo iniciante quase se equiparam. Dizemos isso por alguns ufólogos, especialmente aqueles ligados à política e talvez estimulados pela propaganda da promoção pessoal, intitular-se às vezes de "donos" e "papas" da ufologia.

Não há também razão para um ufólogo experiente ofender-se com perguntas ou sugestões. Infelizmente, no passado nisso têm se originado, no campo ufológico, amargas repreensões e polêmicas. É assim que quere-

mos aqui agradecer publicamente às sugestões e informações amigas do professor Guilherme Wirz, de São Paulo, que permitiram à SBEDV realizar belas pesquisas como, por exemplo, as de Caconde, Itapeva e Pirassununga (2). O mesmo agradecimento se estende ao CICOANI, em relação ao caso de Itabirito (3).

Entretanto, psicologicamente podemos compreender a reação violenta com a qual um ufologista às vezes responde quando criticado ou quando lhe são feitas sugestões por ele sentidas como descabidas. É que um ufólogo militante na pesquisa durante anos, para poder agüentar os contínuos ataques movidos ao tema UFO pela política, precisa temperar o seu ego de tal forma que, pela sua própria agressividade pessoal, consiga neutralizar esses constantes desgastes psicológicos. O ego superalerto na sua defesa responde assim frequentemente de uma forma exagerada a um estímulo pequeno ou a uma pergunta tola.

Contatos diretos nos Congressos, entre os pesquisadores evitariam, pelo relacionamento mais fácil, estados de tensão como os que delineamos aqui. Entretanto, as distâncias geográficas entre as localidades onde residem os grupos de pesquisa impedem frequentemente tais contatos.

C - A Necessidade da Feitura de Boletins de Trabalho.

Embora o intercâmbio de boletins de trabalho de pesquisa não possa igualar-se ao benefício alcançado por contatos pessoais entre os pesquisadores, pelo menos daria uma amostra do trabalho e da sinceridade de um grupo de pesquisa. Seus esforços acabariam por lhe grangear a estima de outro grupo e assim reciprocamente. Não há necessidade de o mesmo assunto ser abordado por todos sempre de idêntica maneira. Pelo contrário, diferentes mentes trazem à baila idéias diferentes e é exatamente este ponto de variedade e variações que na sociedade e na vida constitui estímulo fértil. Quanto mais boletins ufológicos surgirem em um país, tanto melhor para a pesquisa e o progresso.

CIPEX e GENA

2004

OBSERVAÇÃO

Achamos erradas as propostas que a SBEDV recebeu de São Paulo, em três ocasiões distintas, no sentido de cessar o seu boletim para o material ser editado em São Paulo. Um boletim não poderá substituir outro, como uma sociedade de pesquisa não poderá substituir outra. Da mesma forma, uma escola de um bairro não poderá substituir a de um outro bairro.

14

Não importa a regularidade nas edições, a qualidade de impressão ou o aspecto do boletim. O que interessa é apenas o seu conteúdo e a sinceridade com que são elaboradas as edições, mencionando sempre, quando indicado, a procedência do material porventura já pesquisado por outro grupo.

OBSERVAÇÃO

CIPEX e GENA
2004

Parece que entre nós certas revistas e alguns jornais não obedecem a esta ética elementar (4 e 5).

Insistimos nessa tecla, por consistirem os boletins e a matéria neles contida degrau destacado para o progresso e a compreensão do assunto ufológico de um país, especialmente quando for comprovada a concepção de os tripulantes terem sua origem no espaço interplanetário. Quando se tornarem viáveis os contatos com a Terra, num dia qualquer, os estudos daquelas civilizações interplanetárias especialmente aquelas de índole pacífica teriam ganho então enorme importância para a prática.

D — Existe uma Face Oculta na Ufologia?

Denominamos de "face oculta" a ufologia política, com tendência a esconder suas pesquisas, como faz o "colégio confidencial". Há muito também, suspeita-se, que os ataques vituperiosos e venenosos dirigidos freqüentemente contra a ufologia em geral e as testemunhas de um contato com extraterrestres em especial tenham sua origem na ufologia política, principalmente nesse ninho de "ufólogos confidenciais". É incrível que muitos ufólogos não se tenham dado conta da origem e razão de tal hostilidade à ufologia. Ela tem sua explicação na responsabilidade que os serviços secretos sentem de precisar vigiar todas as idéias estranhas e novas, capazes de desafiar a longo prazo a idéia base da existência da nossa sociedade materialista. No ocidente, é esta sociedade caracterizada pela produtividade e o consumo. No leste, pela hegemonia do imperialismo do capital estatal. Mas, as lideranças do ocidente e do leste, aparentemente em convívio cada vez mais fraterno, (6) usam indistintamente a expressão "dissidentes" para as oposições internas que lhes contestam num ponto qualquer a orientação política. Os ufólogos que nas suas pesquisas interplanetárias admitem concepções filosóficas diferentes da ideologia da nossa sociedade materialista tornar-se-ão conhecidos como filósofos "dissidentes", possíveis de se tornarem "irresponsáveis" ou "subversivos" quando insistirem em difundir suas idéias (7). Para se cortar o mal, cortou-se a ufologia pela raiz. Pelo congresso norte-americano (8) insti-

tuíram-se as leis competentes, que começaram a gerar o despistamento do assunto UFO, disco voador. Foi o regulamento 200.2 do Estado-Maior das Forças Armadas que o pôs na lei da espionagem (de contra-informação) e os despistamentos (9). Em seguida, foram o Projeto Blue-Book, o Comitê Condon, da USAF, e o Comitê Robertson, da CIA, serviço de espionagem norte-americano para o estrangeiro, que acabaram por isolar "psicologicamente" o assunto (10). Um bom exemplo do funcionamento de uma rede de espionagem e contra-espionagem é aquela armada entre nós com relação aos dissidentes políticos, aos comunistas (11), para combatê-los "têm os agentes da CIA seu trabalho facilitado, visto que atuarão com elementos brasileiros ligados ao ramo inclusive, os agentes estrangeiros (no caso da CIA) contam com a ajuda dos órgãos de informação do Brasil, agindo todos eles num perfeito esquema de unidade...".

Essa cooperação não se limita a combater os "dissidentes" terrestres mas, estende-se naturalmente também para o espaço. Assim, como exemplo, no Projeto Ozônio, (12) que está lançando na Barreira do Inferno os foguetes Superlock e Lockdart da NASA, "trabalharão além dos 30 técnicos brasileiros ainda 8 do Centro de Langley", Maryland, da CIA. É natural que se deva esperar uma cooperação ainda mais íntima entre a CIA e os nossos próprios serviços de informação (e contra-informação), em relação aos extraterrestres. Isto porque a nossa sociedade terrestre é impotente para combatê-los e vetar-lhes os vôos, aterrissagens e contatos terrestres. Parece até que a própria CIA colabora neste ponto com os russos (13). A impotência do complexo econômico-militar do leste e do oeste (14) traduz-se bem na observação do General Lesley Hunter, chefe de uma base aérea no estado de Montana, USA, freqüentemente sobrevoada por discos voadores, aparentemente por estarem armazenadas nesta base 100 bombas atômicas. Este general reclamou (15 e 16), que "os discos voadores estariam atrás dos seus ovos de páscoa (as bombas) de sua base", mas que "algum dia ainda ia pegar os discos...".

E — A Razão da Nova "Abertura" no Campo da Ufologia

Recentemente, a propósito da crítica aos órgãos de informação, em especial a CIA, pela maneira ineficiente como haviam sido combatidos os dissidentes religiosos do Irã, o chefe desse Instituto de Langley, da CIA, General Stansfield Turner, observou que (17) havia sido "superestimado o poder do Xã para colocar os dissidentes religiosos novamente sob o seu controle...". Em seu comentário, Turner deixou entrever que houve demasiada tardança por parte da

CIA de passar para o campo dos dissidentes para sô então enfraquecê-los e envolvê-los melhor.

CIPEX e GENA 2004

OBSERVAÇÃO

A pesquisadora suíça, e nossa amiga, Lou Zinstag, segundo reportagem da revista *Fatos e Fotos* (18), previu, através de computadores, que "até 1985, naves espaciais entrarão em contato (oficial) com a Terra...".

Naturalmente, acontecimento dessa natureza equivaleria, para as nossas hegemonias políticas, ao impacto do aparecimento de um milhão de aiatolás em nossa Terra. No caso concreto, todas as políticas terrestres teriam de fazer guinadas imprevisíveis no seu comportamento. Isso explicaria também as novas aberturas da política terrestre para o problema UFO. Explicaria também o interesse oficioso pelo assunto UFO dos nossos círculos militares governamentais, o que aliás foi dado a conhecer já no passado por ufólogo brasileiro dos mais antigos, o Sr. Fernando Cleto de Nunes Pereira a um de nós (Dr. G. P.) durante encontro fortuito na casa da colega ufóloga Professora Irene Granchi. Além disso, o Congresso Ufológico de 1972 em São Paulo confirmou também tal interesse. Naquela ocasião, havia sido programado um encontro privativo e íntimo entre os pesquisadores, para a noite, após o término dos trabalhos públicos realizados à tarde. Mas, em vista do adiantado da hora, esse encontro foi cancelado justamente momentos antes de se iniciar. No dia seguinte, para surpresa nossa, soube-se que a comissão naval de São Paulo, desavisada da suspensão da reunião, havia em vão procurado assisti-la.

F - O Funcionamento da Nova "Abertura"

Lembramos a recente abertura na ONU, pelo Ministro Gairy (no meio tempo alijado aliás, do poder) da pequena ilha de Grenada (19 e 10). Tal abertura foi obtida junto ao Secretário da ONU, Waldheim, acompanhado pelos cientistas Allan Hynek, Claude Poher e Jaques Vallée.

OBSERVAÇÃO

Em sua exposição perante a ONU (21), Jaques Vallée, outro astrônomo despistador ufólogo há longos anos, foi desta vez mais positivo. Parece de caráter político a sua afirmação de que "... o credo do povo nos contatos com extraterrestres teria de ser levado em consideração pelos políticos, em bora fosse apenas um credo...". Entretanto, suas palavras finais de que "... o fenômeno (UFO) possa representar uma realidade até maior... e que fica com a ONU a escolha de tratá-lo como uma ameaça ou uma oportu-

nidade de aprendizado para a humanidade..." deixam, em nossa opinião, desta vez um saldo positivo para Vallée.

Esta abertura de Hynek, Vallée e Poher, representando Pentágono (Hynek), NASA (Vallée) e Comunidade Européia (Claude Poher), é uma "colher de chá" bem cheia, após vinte a trinta anos de despistamento.

G - Mais e Mais Aberturas ...

Como se não bastasse essa miniabertura de Hynek, a política providenciou ainda outras aberturas, através de outros grupos. Por exemplo, a Ground Saucer Watch (GSW), posando como pessoa (22) acionando a CIA e o FBI pela FOIA (23), (ata que dá ao cidadão o direito de poder informar-se com relação a segredos antigos). Na ocasião, jorrou uma torrente de nomes de agentes da CIA e do FBI atuando na ufologia, especialmente na NICAP, e publicados no jornal da MUFON (24, 25, 26 e 27). Por enquanto, parece ter sido determinado que a sociedade da NICAP haveria de assumir o lugar de primeiro bode expiatório nessa abertura e ninho de agentes da CIA.

OBSERVAÇÃO

É fácil julgar a procedência nesse artigo como uma farsa referente à NICAP. Pelo jargão nítido, é procedente do serviço secreto. Sô assim se explica como o denunciante se esqueceu de denunciar o agente mais ativo e de maior realce no passado no despistamento, o Professor Allen Hynek.

H - Conclusões

Pelo dito, podemos tirar as quatro seguintes conclusões:

I - É necessário para um grupo assinar alguma ou algumas revistas ufológicas estrangeiras, a fim de poder se informar adiantadamente sobre as tendências da política, as quais, no momento, encontram-se num impressionante turbilhão. O número de assinaturas de revistas, nas línguas em que são editadas, depende do limite de recursos do grupo e dos seus conhecimentos linguísticos.

OBSERVAÇÃO

A Livraria Psique, na Rua Gonçalves Dias, 75, 1º andar, Rio de Janeiro, RJ, possui em estoque alguns livros sobre ufologia. Além dos nacionais já citados em boletins anteriores, dos estrangeiros traduzidos para o português, recomendamos o de Holzer (28) ("Os Ufonautas") e o de Blum (29) ("Toda a Verdade Sobre os Discos Voadores").

Do livro (escrito em alemão) "Strahlenwirkungen in der Umgebung von Ufos" (30) de Engenh. Adolf Schneider, Konrad Celtis-trasse 38 - 8010 Múnich 70, Alemanha), recomendamos especialmente a leitura das págs. 84 a 105, análise fotogramétrica de um disco voador (no ar) e sua sombra (no solo).

Deixamos para citar por último dois livros escritos em espanhol; um, vindo da República irmã argentina e, o outro, da Espanha. Os dois comoveram-nos, por tratarem de aspectos ufológicos especialmente caros a nós: os tripulantes extraterrestres. Nenhum de seus dois autores necessita de apresentação, por serem bastante conhecidos nos países de língua luso-castelhana. São, respectivamente, Roberto E. Banches e Vicente-Juan Ballester Olmos.

R. E. Banches (autor de "Las Evidencias del Fenómeno OVNI") (31) editou, em agosto de 1977, "La Fenomenología Humanóide en la Argentina" (60 páginas), contendo 22 casos de ufonautas por ele atestados como verídicos e mais 24 episódios dados como "negativos". Naturalmente, esperamos que este trabalho sobre os ufonautas seja mais um no rol das obras pioneiras da América do Sul, ao qual, com o passar do tempo e estimulados pelo exemplo, venham enfileirar-se outros semelhantes elaborados nos demais países deste continente.

Ballester Olmos, de Barcelona, escreveu trabalho monumental de 382 páginas, com 14 fotos, 54 ilustrações e 16 tabelas, em 1978 (32). Nele, são descritos 200 casos espanhóis, sendo analisados e pormenorizados 33 episódios, contando ainda com 550 referências da literatura ufológica. De um ponto de vista acadêmico, o autor focaliza aterrisagens, aparecimentos de ufonautas, problemas de espaço-tempo, metodologias etc.

O livro de Ballester Olmos é mais uma das provas de que a infra-estrutura da pesquisa ufológica espanhola é excelente, sem o que não poderia ter sido produzida esta obra. Ela se justapõe a outras tantas semelhantes da literatura luso-castelhana, as quais, se não em quantidade pelo menos em qualidade, igualam-se ou até ultrapassam as de origem anglo-saxônica. Esta última literatura ufológica não conseguiu ainda expurgar de si completamente resquícios de despistamentos sobre o assunto UFO e seus autores continuam a figurar nesses trabalhos como "experts" ufólogos.

OVNI em Portugal - Livro de 238 páginas, do autor Joaquim Fernandes (nosso amigo do CEAFI-Porto) - Editado em 1978, pela Editora Nova Cultura (Praça Marquês do Pomal, 78 - Porto - Portugal).

O livro do engenheiro suíço Jack Perrin "Le Mystère des OVNI", escrito em francês (33), com 386 páginas, 16 com reproduções fotográficas (uma do CICOANI, Brasil),

com aproximadamente 42 desenhos - 9 deles referindo-se à pesquisa brasileira - é a obra européia em língua francesa mais avançada em matéria de ufonautas. Isto porque apresenta casos oriundos do mundo inteiro, escolhidos sem julgamentos prévios e, deles, aproximadamente 90% representam episódios bem pesquisados. É o tipo de livro mais prático do que teórico. Especialmente bem representados nele estão os casos latino-americanos, onde brilham grupos brasileiros como os de Jader Pereira, - CICOANI, Machado Carrion, SBEDV, Dr. O. Fontes, entre outros.

Finalmente, esperamos que nossa apresentação aqui de publicações ufológicas seja de utilidade para o leitor, possibilitando-lhe adquirir rapidamente uma visão geral do assunto.

Só com o tempo, vinte anos e mais no caso da SBEDV, poderá o grupo nacional tomar o pulso e verificar as tendências às vezes maquiavélicas de outras sociedades estrangeiras, verdadeiros "brain trusts" por vezes dos órgãos de segurança.

II - Enquanto, durante sua existência, a SBEDV tenha se esquivado de numerosas armadilhas preparadas pela política (34) ou tras sociedades ufológicas que surgem de agora em diante não precisarão necessariamente tropeçar nas mesmas experiências da SBEDV. É que, de uma forma geral, a ufologia mundial após longa relutância começa a admitir os princípios da "existência de tripulantes às vezes com tendências amigáveis na face da Terra" - princípios pelos quais a SBEDV lutou durante os seus mais de vinte anos de existência.

CIPEX e GENA
2004

OBSERVAÇÃO

Sabendo, há longos anos, das largas somas despendidas pela política terrestre contra o assunto disco voador (por exemplo, os projetos Blue Book, Sign e Grudge, Comitê Condon, Robertson etc. etc.), a SBEDV, a fim de precaver-se de vulnerabilidade neste sentido, vetou no seu Decálogo, item 4, aos seus diretores "que tirem do fenômeno disco voador qualquer vantagem de ordem material, imediata ou remota".

Se esta cautela é válida, que o digam certas testemunhas que, no afã de "faturar" pelo assunto, foram prejudicadas, elas e sua causa.

Mesmo assim, enquanto não houver uma abertura plena no campo da ufologia, opinamos que deva continuar a desconfiança acerca dos ufólogos comprometidos com a política, os chamados "confidenciais". Assim, o relato de Leo Stringfield (35) dando conta

de discos voadores acidentados e de seus tripulantes mortos (estes teriam estatura pequena, fendas em vez de nariz e membranas nadadeiras entre os dedos), sob a custódia de bases aéreas norte-americanas, só poderão merecer credibilidade após a abertura plena do assunto e a confirmação governamental.

III - Na pesquisa separamos, a parte objetiva, da ufologia, da parte subjetiva. A nós, terrestres, faltam ainda os parâmetros e aferimentos para podermos julgar transmissões mentais e subjetivas da parte dos extraterrestres, sejam estas feitas pela palavra escrita ou falada, pela mão ou boca de pessoas sensitivas em transe que alegam estar em comunicação mental.

A nosso ver, entretanto, seriam considerados idôneos quando fossem estes fenômenos acompanhados por outros, de natureza objetiva, por Ex.: aterrissagens de DV e aparecimentos de seus tripulantes.

CIPEX e GENA 2004

IV - O material ufológico elaborado por uma pesquisa séria será de valor inestimável, no dia em que um país ativo resolver "abrir o jogo" e, isoladamente, ou em conjunto, fazer sua abertura para um contato com os extraterrestres. Nesse instante, será de extrema utilidade o material de uma pesquisa serena. Tal conjunto de conhecimentos será então necessário para caracterizar as diversas civilizações que abordarem esse país. Assim, como próximo passo, será facultada a escolha para esses contatos: entre aquelas civilizações, as que se mostrarem as mais amistosas.

O material brasileiro, de grande variedade, "sui Generis" e de boa qualidade, porquanto padronizado na pesquisa pela orientação do CICOANI, garantiria neste sentido o bom êxito. E poderá assim tornar-se no futuro de grande valia também para o resto do nosso globo.

J - Referências

- 1- Boletim da SBEDV nr. 74/79, pág. 9, caso da Baleia.
- 2- Boletim da SBEDV nr. 66/68.
- 3- Boletim da SBEDV nr. 42/44.
- 4- Boletim da SBEDV nr. 126/128, pág. 14.
- 5- Revista OVNI nr. 6/7 - Edit. Portugal.
- 6- Boletim da SBEDV nr. 121/125, pág. 11.
- 7- "Ufos over the Americas", J e C Lorenzen, Signetbook 1968, págs. 234 a 238.
- 8- "Hearings before the Committee on Science and Astronautics. U.S. House of Representatives, 29/7/68, pág. 2. (Repres. G. Miller: "... not to challenge to the work that is being done by the Air Force... that has to deal with this object (UFO's)..."
- 9- "The Flying Saucer Conspiracy", Maj. D. E. Kehoe, Edit. Henry Holt and Comp, New-York, Pág. 309 a 315.
- 10- "Ufos over the Americas", J e C. Lorenzen, pág. 62 a 65, 72/73, 80, 104 a 115, 183 a 220.
- 11- Jornal do Brasil, 17/4/79, "Militares recebem notícia sem surpresa..."
- 12- Jornal do Brasil, 13/4/79, "Barreira do Inferno lança foguetes do Projeto Ozonio".
- 13- Jornal do Brasil, 6/6/78, "Zozimo informa..."
- 14- Boletim da SBEDV nr. 121/125, pág. 11.
- 15- Ufo Nachrichten nr. 256, abril 1979 "UFOs über US-Raketenbasen".
- 16- Basler Zeitung, 20/1/79, "Unbekannte Flugobjekte über strategisch wichtigen Basen"
- 17- Jornal do Brasil, 14/4/79, "Perda do Irã".
- 18- Revista Fatos e Fotos nr. 934, 16/7/79.
- 19- Jornal do Brasil 17/4/79.
- 20- Time M. 2/4/79, "The fall of awarlock".
- 21- Flying Saucer Review, vol. 24, nr. 6, abril 1979, pág. 8.
- 22- "CAUS" - "Citizen against UFO secrecy".
- 23- "FOIA" - "Freedom of Information Act".
- 24- Mufon UFO Journal, nov./dez 1978, pág. 11.
- 25- Mufon UFO Journal, jan./fev. 1979, pág. 6.
- 26- Mufon UFO Journal, out. 1977, pág. 13.
- 27- Mufon UFO Journal, set. 1976, pág. 16.
- 28- "Os Ufonautas" de Hans Holzer; trad. Lauro Blandy, Global Edit. e distrib., São Paulo (SP).
- 29- "Toda Verdade sobre os Discos Voadores" - Ralph e Judy Blum, Copyright Bantam Books; trad. Maria Lúcia Vasconcellos de Azevedo, Edit. Edibolso S.A. São Paulo (SP).
- 30- "Strahlenwirkungen in der Umgebung von UFO's" (do eng. dipl. Adolf Schneider, Konrad Celtisstrasse 38, - 8010 München 70, Alemanha).
- 31- "Evidencias del Fenômeno OVNI," Edit.

Rodolfo Alonso-Sanchez de Bustamente
923 Buenos Aires, 1978.

- 32- "OVINIS: EL FENOMENO ATERORIZAJE" de Vicente - Juan Ballester Olmos Plaza e Janes S. A. 1978. Departamento de Export. USS 9., Virgem de Guadalupe 21-33, Esplugas de Llobregat-Barcelona, Espanha.

33- "Le Mystère des OVNI", Jack Perrin 1976, Edit. Pygmalion, 198, Boulevard Saint-Germain, 75007 Paris, França.

34- Bol. da SBEDV nr. 71, pág. 1.

35- Mufon UFO Journal nr. 129, ag. 1978 "Retrievals of the third Kind".

CIPEX e GENA
2004

K — Explicação das Figuras Relativas ao Texto.

Fig. 6 - Da esquerda para a direita: ufólogos paulistas Prof. Guilherme Wirz e Ute Pereira; e cariocas Dr. Walter Buhler e casal Glueck.

Fig. 7 - Reprodução de recorte da capa de "Lumières dans la Nuit", nr. 183, referente à moção na ONU em relação à pesquisa ufológica. Da esquerda para a direita: Drs. Jaques Vallée, Claude Poher, Allan Hynek e o Secretário da ONU, Kurt Waldheim.

Fig. 8 - Reproduções pictoriais do "Il Giornale del Misteri", nr. 90, com Referência à pesquisa sobre ufonautas.

Fig. 11 - Reprodução da revista "Time Magazine" de 2/4/79, referente à deposição de Mr. Gairy (primeiro Ministro da ilha Grenada).

6 - SEQUESTRO UFOLOGICO OCORRIDO NO SACO - DE SÃO FRANCISCO - NITERÓI (ESTADO DO RIO DE JANEIRO)

A - Dados

Testemunha: Clélia T. R., dona de casa, mãe de duas filhas, e que contava à época do episódio, 22 anos de idade.

Local: Praia do Saco de São Francisco (prolongamento das praias de Icaraí e do Canto do Rio, situadas na cidade de Niterói, Estado do Rio de Janeiro), Antigamente, era um local ermo, mas hoje é muito procurado, em virtude do belo panorama que ali se descortina da Baía de Guanabara, emoldurada pelas montanhas da vizinha cidade do Rio de Janeiro.

Data e hora do episódio: No dia 10 (ou 11) de setembro de 1956, e que perdurou das 11 hs às 16 e 30 hs, aproximadamente.

Pesquisas realizadas: Em 17 de novembro de 1975, no início de 1976 e em 5 de maio do mesmo ano.

Resumo do episódio: Declarou a testemunha que encontrava-se sentada à beira da praia, às 11 hs, aguardando a condução que deveria levá-la de volta à sua residência, em Niterói, quando teve a sua atenção despertada para um objeto voador que, com estridente ruído, aproximou-se da praia e ficou pairando sobre o mar, próximo à arrebatada das ondas, fato que causou pânico aos banhistas ali presentes.

Informou que a sua memória sofreu, a seguir, um colapso, pois não se recorda da maneira pela qual foi transportada para o interior do objeto, onde se encontravam vários tripulantes. Um deles, dirigindo-se a ela em português, submeteu-a a exames, através de um aparelho. No DV, ela notou, também, a presença de uma das pessoas que se encontrava na praia, mas que lhe pareceu achar-se inconsciente.

Ocorreu, em seguida, um segundo lapso da memória da testemunha, que não sabe explicar como encontrou-se novamente sentada à beira da praia, à espera do ônibus que a levaria a casa. Quando este chegou, nele também viajaram as pessoas que ela havia visto na praia pela manhã, quatro ou cinco horas antes, inclusive a personagem que, ao seu ver, encontrava-se inconsciente no interior do Disco.

B - Relato do Episódio

Relato dos fatos que precederam o episódio:

A testemunha, do dia assinalado (10 ou 11 de setembro de 1956), havia deixado a sua residência, no bairro do Cubango, em Niterói, com o objetivo de ver uma pequena casa que se encontrava à venda no bairro do

Saco de São Francisco (hoje chamado simplesmente São Francisco), onde chegou, após uma viagem de ônibus de, aproximadamente, 1 hora e trinta minutos. Depois de visitar o imóvel, do qual se agradou, e de conversar com a proprietária, retornou à margem da estrada a fim de aguardar o retorno do ônibus, que a levaria a sua casa. O horário do veículo obedecia a intervalos de 60 min. Fazia muito calor naquele dia e a testemunha, sentando-se num monte de pedras próximo à praia, distraía-se observando o movimento dos banhistas, que avaliou em torno de 15 a 20 pessoas, umas dentro e outras fora d'água.

Eram cerca de 11 horas, e ela preocupou-se ao pensar que ainda tinha que preparar o almoço das filhas, uma de um ano e meio e a outra de 3 anos. Nisso, a sua atenção foi atraída para um leve ruído, vindo do mar, o que ela relacionou a um ponto luminoso, e que descia sobre o mar. O ruído aumentava enormemente, a tal ponto que ela levou as mãos aos ouvidos, para protegê-los. O mesmo gesto ela notou num rapaz, que estava sentado na praia. Os banhistas, que antes se encontravam no mar, haviam-no abandonado, com receio do ruidoso objeto que se aproximava e, temerosos, se reuniam em pequenos grupos.

CIPEX e GENA
2004

Dentro do Disco

A última lembrança que a testemunha guardou, foi a de um objeto de grandes proporções, redondo e muito luminoso, a ponto de afuscar a vista, e que estacionara a uns 25 m da praia e a 5 m da quebração das ondas e que baixara até à superfície da água, sem que esta, contudo, sofresse qualquer alteração. O ruído, entretanto, permanecia o mesmo: estridente, lancinante.

Segundo a testemunha, deve ter havido um lapso na sua memória, porquanto ela recorda-se a seguir, de achar-se estendida sobre um estrado, na penumbra, em um corredor curvo, sem saber a maneira pela qual fora transportada para ali. Em outro estrado, imóvel, encontrava-se o rapaz que, momentos antes, ela havia visto na praia, protegendo, na ocasião também, os ouvidos contra o ruído, como foi, mencionado acima. Naquele recinto, o ruído continuava insuportável.

Percebeu, em seguida, a aproximação de duas personagens que caminhavam a passos lentos, mas de maneira natural, e cujas feições não pode distinguir, pois embora usassem capacetes translúcidos, estavam os mesmos embaçados. Eram mais altos do que ela (que tem 1 m 52), aparentando 1 m 75. Usa-

vam macacões de material que se assemelhava a lâmina de alumínio, com cintos do mesmo material, o qual cobria também, as mãos e os pés, como se fossem luvas e sapatos. Sem nada dizer, eles tomaram Clélia e o rapaz nos braços e os transportaram, através de uma porta no corredor, para uma sala circular, de uns 20 m de diâmetro, e os colocavam, novamente, cada um em um estrado. Clélia supõe haver estado uns 20 min no referido corredor.

CIPEX e GENA
2004

No Interior da Sala Circular

Na sala onde fora instalada, Clélia continuava a perceber o ruído que tanto a incomodava. De súbito, aproximou-se dela um homem sem capacete, com os cabelos grisalhos, penteados para trás, e que se dirigiu a ela num português perfeito e melodioso. Ela queixou-se, então, do ruído que começava deixá-la louca. Dizia-lhe isso, enquanto vedava o orifício externo dos ouvidos com os dedos. A personagem assegurou-lhe que, em breve, corrigiria o som, mas que ela não devia vedar os ouvidos com os dedos, para não se prejudicar. O seu interlocutor aparentava 1 m 70 ou 1 m 75 de altura, usava vestimenta igual a dos outros dois, porém mais colante. Era magro de corpo, mas tinha o rosto cheio. Os olhos eram escuros e penetrantes. Clélia não conseguiu ver-lhe os dentes, pois a boca se entreabria pouco, quando ele sorria. Caminhava mais depressa do que os outros dois, porém com movimentos suaves e seguros.

A personagem explicou-lhe, a seguir, que ela havia sido trazida a bordo do engenho para ser examinada. À uma interpelação de Clélia, referente ao banhista trazido, igualmente, para aquela sala, foi-lhe explicado que ele havia sido deixado inconsciente, porquanto não tinha condições de enfrentar a realidade sem medo e pânico como ela vinha fazendo, e que aquela fora a razão pela qual ela havia sido conduzida a bordo do DV, a fim de ser submetida a exames.

O homem tomou, Clélia nos braços e colocou-a sobre uma maca, que se encontrava próximo a uma parede, na qual estava fixado um aparelho de forma quadrada, e que era movimentado em todos os sentidos por uma espécie de sanfona. O aparelho foi, então, conduzido ao longo de todo o seu corpo e também lateralmente. Durante os exames, dele se projetava uma luz roxa. O ruído havia diminuído de intensidade e era agora perfeitamente suportável.

Pareceu a Clélia que o exame pelo aparelho de luz roxa havia durado uns cinco minutos, ao fim dos quais a personagem deu por encerrada aquela fase e disse que queria conversar com ela. Clélia retrucou que lamentava não ter, no momento, uma máquina

fotográfica, para poder documentar com um "retrato" o inacreditável momento que estava vivendo.

Foi-lhe, então, indagado o que significava a palavra "retrato", ao que Clélia respondeu exibindo uma carteira que trazia a sua foto. A personagem retrucou-lhe que, no próximo encontro com ela, seria "dado um jeito" para que tal acontecesse. Ponderou Clélia que um próximo encontro seria difícil, pois ele ignorava o seu atual endereço e que o mesmo seria mudado em breve. "Achá-la em qualquer lugar não seria problema para nós", foi a resposta, porquanto pelo registro feito havia pouco pela máquina, ela seria localizada em qualquer ponto onde se encontrasse. A personagem acrescentou, entretanto, que, para um encontro, era preferível um ambiente ao ar livre, com vegetação ou água, pois recintos fechados não eram propícios a contatos com eles. Nas suas abordagens e aproximações na Terra, eles usavam de muita cautela e sigilo, pois os terrestres podiam ser tentados a atacá-los, que levaria os mesmos a uma derroçada, o que devia ser evitado. Eles atuavam aqui pesquisando, e não eram inimigos, ao contrário, ajudavam.

Perguntou, ainda, à Clélia a razão de uma cicatriz que havia no seu baixo ventre, ao que ela retrucou que, estando vestida, como podia ter ele notado aquela lesão na sua pele, que resultara de uma intervenção cirúrgica (cesariana), que ela se submeteu no ano anterior. A isso, ele respondeu que a nossa medicina era, ainda, bastante atrasada, ao deixar cicatrizes tão feias, e que, por outro lado, para a máquina com que ela fora examinada não havia segredo, pois ela tudo desvendava, mesmo através do vestuário.

Ainda com relação ao rapaz que permanecia inconsciente, ele explicou à Clélia que, posteriormente, a deixaria também, com amnésia parcial, ligada a determinados fatos que ela presenciara e sobre os quais haviam conversado, porque não convinha que ela falasse a seu marido sobre os mesmos, pois, caso ele não lhe desse crédito, poderia interná-la como doente mental, numa Casa de Saúde. Se, no presente, acrescentou-lhe, viessem a lhe faltar palavras ou idéias para relatar aquilo de que havia participado ou visto, para o futuro isso não aconteceria, pois, na hora certa, ela teria capacidade suficiente para descrever exatamente o que ora lhe estava acontecendo, a bordo do DV.

Foi-lhe, ainda mostrada a sala do comando, separada da sala circular. Nela havia uma parede, aparentemente de um vidro espesso, brilhante, através da qual podia distinguir-se o exterior, mas como se fora envolto numa neblina.

Pelos cálculos de Clélia, ela teria permanecido cerca de três horas nas salas circular e de comando.

CIPEX e GENA
2004

A Volta ao Nosso Mundo

Deve ter ocorrido outro lapso de memória, pois Clélia não sabe explicar como encontrou-se, novamente, sentada nas pedras, à beira da estrada, à espera de condução. Quando o ônibus chegou, juntamente com ela embarcaram outras pessoas, entre as quais os banhistas que ela havia visto na praia, inclusive o rapaz que, momentos antes, encontrava-se em estado de inconsciência, no interior do DV, próximo a ela.

Observou que durante a viagem os passageiros mantinham-se calados, mas recorda-se de que alguém perguntou que horas eram, ao que lhe fora respondido que eram 16 h e 30 min. Clélia notou, então, que o seu relógio havia parado nas 12 h e 5 min. Havia, assim, transcorrido 4 a 5 hrs desde que chegou à praia.

Ao entrar em casa, perguntou-lhe o marido, com insistência, qual o problema que ela tivera naquelas horas em que estivera ausente. Ela de nada se lembrava e esqueceu-se mesmo de falar a ele sobre a casa que fora ver naquela manhã, motivo de sua ida ao bairro do Saco de São Francisco. Pareceu à Clélia que ela própria não queria se lembrar daquele fato, que estava ligado ao ruído ensurdecedor que se gravara na sua memória, ameaçando-a levá-la à loucura.

Para o marido, ela argumentou que a casa não a interessava, pois o comércio local era ainda precário.

O relógio de Clélia que deixara de funcionar por ocasião dos acontecimentos acima expostos, não pode mais ser reparado, não obstante houver sido examinado por três relojoeiros.

Clélia relatou, ainda, que uma semana após a sua estranha experiência, teve a oportunidade de ler, em jornais, reportagens referentes a Discos Voadores que haviam sido avistados na cidade de Magé (Estado do Rio de Janeiro). Nessa ocasião, o episódio que vivera resurgiu, inteiramente na sua memória. Entretanto, somente cinco meses antes da nossa entrevista havia ela relatado, pela primeira vez a sua aventura no DV, e o fez à sua filha mais nova, então com 21 anos.

Quem trouxe Clélia à nossa presença foi o nosso amigo, ufólogo Carlos Arctur Ribeiro Rocha (Carlinhos Sideral, para os amigos) e que, juntamente, com o engenheiro Altino Silva Nunes, interessado em Ufologia e promotor da conferência de Hynek, no Clube de Engenharia em setembro de 1975, procurou reconstituir fases do episódio ocorrido no Saco de São Francisco. Para is-

so, tentaram localizar a casa que Clélia visitara 20 anos antes. Todavia, em razão do grande desenvolvimento do bairro, agora com inúmeras construções novas, e que se constituía em local muito procurado por aqueles que procuravam fugir à poluição dos logradouros industriais de Niterói não foi possível à Clélia encontrá-la. Possivelmente, já havia sido demolida para dar lugar a construção mais moderna.

O Dr. Altino foi, então, de parecer que o episódio relatado por Clélia não devia passar de um sonho ou de um período de ausência, pelo que ela devia esforçar-se para esquecê-lo inteiramente.

C — Esclarecimentos Adicionais e Comentários Finais

Regressão ao episódio, em sono hipnótico.

Seis meses após o relato acima e 20 anos após a ocorrência do episódio focalizado, foi a testemunha submetida a uma hipnose regressiva, em 5 de maio de 1976, pelo médico e parapsicólogo Prof. Sylvio Lago, na residência deste, em Niterói.

O Dr. Lago, pelas regressões, em estado hipnótico que provocou em testemunhas de casos de Ufos, como os Srs. Benedito Miranda e Onilson Paterno (leia-se no Bol. da SBEDV nr. 99/103, páginas 17 a 25) dispensa apresentação aos leitores deste Boletim. No caso em apreço demonstrou abordagem cautelosa e manipulação segura da técnica de "indução para estado hipnótico profundo".

A testemunha, Clélia, falava muito baixo, o que dificultou, posteriormente, a captação e a compreensão das suas palavras na fita gravada durante a regressão em hipnose. Em alguns trechos a fita apresenta também, defeitos, mas que não prejudicaram o resultado global. Durante a regressão, a testemunha confirmou, em linhas gerais, tudo o que havia relatado em estado consciente. A gravação ainda demonstrou o sentimento de viva apreensão da testemunha nos trechos referentes à aproximação do ruidoso veículo extraterrestre. (Perguntas nºs 13, 14, 15, 16, 17, 24, 28 e 35). Esta e outras coincidências do relato de Clélia, em hipnose e quando em estado de vigília, falam a favor da sua sinceridade.

Pelas manobras comprobatórias específicas, durante a regressão, foi confirmado o seu estado hipnótico (profundo).

Não apenas a SBEDV, mas toda a ufologia brasileira são gratas ao Prof. Sylvio Lago pela sua preciosa colaboração e pelo empenho e competência demonstrados no esclarecimento do caso em foco, e, também, pelas explicações que teve a gentileza de fazer sobre a hipnose, suas correlações, indicações, contra-indicações e perigos, todas elas já citadas no Boletim acima referido, pág. 14 a 17.

Para não prejudicarmos a fidelidade das expressões da testemunha, evitamos alterá-las, colocando, apenas, sinais de pontuação nos trechos em que ela cessava de falar ou quando a voz se tornava inaudível. Colocamos, algumas vezes, entre parênteses (), o vocábulo explicativo do sentido, quando omitido pela testemunha.

Parece que a regressão sob hipnose,

CIPEX e GENA 2004

OBSERVAÇÃO DA SBEDV

Em artigo intitulado "O porque dos sequestros" ("Why these Abductions?"), Mufon Ufo Journal, nº 114, maio/1977, Jenny Randles cita a pág. 283 do livro Jim e Coral Lorentzen "Encontros com Ocupantes de Discos Voadores" ("Encounters With Ufo Occupants"). Ali encontra-se a teoria segundo a qual uma testemunha de contato com extraterrestres lembrar-se-ia do fato quando isso fosse conveniente para estes últimos. Além disso, durante um eventual relato desse contato pela testemunha aos seus concidadãos, tal comunicação estaria sujeita a monitorização à distância pelos extraterrestres.

Citamos aqui a observação de Mrs. Randles, porquanto foi publicada em maio de 1977, e assim um ano depois, a sessão de hipnose do Dr. Lago. Nesta sessão, entretanto, o Dr. Lago já havia se apercebido precocemente das teorias de Mrs. Randles e do casal Lorentzen. Pondo-as em prática, ele procurou entrar em contato com entida-

orientada pelo Prof. Lago, trouxe à luz alguns pormenores do episódio até então encobertos. (Perguntas nºs 102, 109, 114, 121). Evidenciou, também, uma certa resistência da testemunha (bloqueio), em revelar outros detalhes - possivelmente atendendo a ordens (post-hipnóticas?) dos tripulantes

(Perguntas nºs 33, 34, 121, 141, 148 e 157)

des extraterrestres por intermédio da nossa testemunha Clélia. Esta, de acordo com a sua suposição, poderia constituir-se em veículo para o circuito de observação dos extraterrestres e assim, hipoteticamente, também numa peça intermediária para o Dr. Lago comunicar-se com os seres espaciais. (Perguntas nº 170 a nº 184).

Quando consideramos o período relativamente curto desde que o Dr. Lago resolveu iniciar-se no campo da ufologia, tanto mais aplausos deve nos arrancar o seu avanço seguro nesse terreno, bem como os métodos de um pioneirismo mais que audaz que se propõe a usar.

Fazemos votos de que outros médicos patrióticos imitem o exemplo do Dr. Lago, ocupando-se finalmente a ciência médica brasileira da matéria Ufo, para que a pirâmide dos conhecimentos nacionais neste assunto constitua-se cada vez mais numa mais sólida e larga, com resultados brilhantes e transcendentais.

D - Explicação das Figuras Relativas ao Texto

Fig. 1 - Foto da testemunha Dna. Clélia.

Fig. 2A - Croquis de Dna. Clélia: planta

Fig. 2B - Desenho referente a 2A. Em E1, E2 e E3 localização das macas onde a testemunha ficou deitada em "P" a localização de portas e em "J" da janela.

Fig. 3 - Croquis de Dna. Clélia: o "aparelho examinador".

Fig. 4 - Foto de Carlos Actur Ribeiro da Rocha (Carlinhos Sideral).

Fig. 5 - Da esquerda para a direita: os ufólogos Dr. Sylvio Lago (médico) e Dr. Moachir Uchoa (engenheiro) e a testemunha Paulo Coutinho (estudante).

OBSERVAÇÕES

1) Sigla: DSL = Dr. Sylvio Lago

2) Com a finalidade de evitar dúvidas, foram introduzidas no texto, posteriormente, certas expressões, entre parênteses. Isto, porque a pessoa em estado hipnótico deixa de pronunciar, às vezes, certas palavras importantes para o sentido da oração.

CIPEX e GENA

2004

A Sessão de Hipnose

1. DSL - Como está se sentindo, minha jovem? Muito bem, está sentindo um soninho gostoso... Quando estiver mais profundo ainda, verá que este sono é altamente repousante. Ele repousa bastante... Ele vai repousar você demais... Vá chegando até aquele primeiro de janeiro, o dia em que você saiu para ver aquela casa que pretendia comprar... Vá descrevendo aquele dia, como se você estivesse exatamente lá... Está bom? Não chegou ainda aquele dia, dia primeiro de janeiro? Você tem que aceitá-lo o progredir em seu arquivo (mental), até chegar exatamente aquele dia em que você saiu para ver aquela casa que pretendia comprar... Vá descrevendo aquele dia, como se você estivesse nele... Você está. Você está naquele dia de setembro de 56? Dê sua experiência! Agora, já está diferente. Você está vivendo exatamente como se fosse aquele dia, certo? Vá descrevendo como é que você acordou naquele dia. Com calma, vá me dizendo. Com calma, calma... Bem, já está em setembro de 56. Como está vendo a situação? Como você acordou? Aquele dia... Você acordando... O que você pretende fazer?

Clélia - A minha casa... a minha casa de (incompreensível).

2. DSL - Sim, prossiga... Veja a roupa com que você está!

Clélia - Estou vestindo um vestido fino... branco e (incompreensível) branca.

3. DSL - Como está o tempo, o dia?

Clélia - Limpo, bonito.

4. DSL - Sol?

Clélia - Acabou a visibilidade do tempo.

5. DSL - Você está bem de saúde?

Clélia - Estou... nem muito...

6. DSL - Então, você emagreceu, não é?

Clélia - Em disse para mim, este é o mesmo ônibus que você deve visitar... aqui é a casa e depois é o ponto porque você as duas casas ali é o jardim, velho jardim a praia o outubro. Numa rua escura. Eu não vejo nada. Só a praia. E estou confusa, estou tonta.

7. DSL - Está gostando? Já localizou a casa?

Clélia - Já. A senhora com este aventalzinho branco..... Perto, tem um lugar vago. Mandou-me descansar... sentar... Casa... um horário in correto... a luz... as coisas... um momento muito bonito. Chego perto, perto, (intervalo) bonito, muito bonito... Eu não posso demorar muito, não posso demorar muito. Eu tenho que ir embora, eu tenho que ir embora.

8. DSL - Onde você estava?

Clélia - Portãozinho, portãozinho de madeira (fala sonolenta). Ainda acredito que qualquer menino possa pular (o portãozinho). Rio, de tão pequeno que ele é.

9. DSL - Você tem vontade de pular, então?

Clélia - Eu não tenho. Mas (o portão) é pequeno, bem baixinho... O sol está quente.

10. DSL - O sol está o quê?

Clélia - Está quente e eu tenho que aguardar o ônibus. Não tem uma árvore, não tem nada e eu tenho que ficar no sol, esperando, aguardando o ônibus chegar, esperando, aguardando o ônibus chegar. A moça é muito boa. Eu vou levar não tem comércio nenhum aqui.

11. DSL - E então, você já foi pra casa?

Clélia - Não sei ainda. Falta subir. É muito longe. Tão bonitinha (a casa), mas, mas, é longe. (a casa) É tão bonitinha. Mas, é longe do comércio, longe de tudo. Eu estou sentindo um calor... está tão quente, tão quente. Se ao menos tivesse um guarda-chuva, uma coisa qualquer.

12. DSL - Você não

Clélia - Só tem uma saída: me aproximar um pouquinho da praia. O

ônibus vai demorar muito, muito mesmo. Oh, meu Deus! O que vou fazer aqui? Eu estou cansada de estar em pé... sol quente, está ficando tarde, muito tarde. Oh, já são onze horas. Daqui (atê) que eu chegue em casa para dar almoço aos meninos, ai!... O pior é este sol quente, cada vez mais quente. Eu vou andar um pouco, eu vou me aproximar um pouquinho da praia. Já não agüento mais este sol. Estou com sede. Ai, minha boca seca... vontade de tomar um pouco d'água. Ai, as pedras... eu vou procurar me sentar um pouco, que, ficando daqui, eu vejo o ônibus chegar... Agora, eu tiro mais um pouco o sapato também, para descansar o pé um pouco. Ai, eu vou embora... está bem perto e eles vindo... Enquanto uns esperam no sol, os outros se sentam na maior alegria. Mas, o ônibus demora, demora tanto. Eu estou louca para ir embora. Doida para ir embora para casa. Eu vou me levantar um pouquinho, vou ficar um pouco em pé. Que sono... (Pausa). (Geme) Ai! Que barulho, que barulho!

CIPEX e GENA
2004

13. DSL - Tenha calma!

Clélia - Não agüento mais! Que barulho no meu ouvido!

14. DSL - Ele vai diminuir.

Clélia - Não, por favor! Ai! Não agüento! Barulho, barulho! Ai! Ai! Ai! Está se aproximando cada vez mais! (... muito agitada).

15. DSL - O quê?

Clélia - Sim, muito barulho. Está descendo. É um ponto luminoso. Ai!

16. DSL - Preste atenção no ponto. Ele está..... mas, veja o ponto. Como é que ele vai?

Clélia - Em cima, um ponto pequeno. Faz um ruído forte, cada vez aumentando mais, mais, mais e mais! Oh! (muito agitada). Sol que estou sentindo bem perto, está todo mundo. Assim, todo mundo. Todo mundo. Eu já não posso sair daqui, não posso andar! Meus pés estão colados no chão! Ai, está se aproximando mais ainda, mais, mais! Vai descer, vai descer... está descendo! Ai, que é que vai acontecer? Agora, não sei. Está descendo, está descendo...

17. DSL - O que disse?

Clélia - (Muito agitada) Aquela coisa! Ai, aquela coisa luminosa es-

tã descendo, está descendo mais! Está descendo de uma maneira suave, bem suave, bem suave.

18. DSL - É como é? Qual a forma dele?

Clélia - É de uma forma redonda, muito grande e todo iluminado.

19. DSL - De que cor?

Clélia - É uma cor estranha. É muito estranha, muito estranha. Uma espécie de nuvem ou fumaça, não sei bem explicar. Eu não entendo, existe um tipo de iluminação muito estranha, muito estranha, muito estranha.

20. DSL - De que tamanho é a pessoa? É um objeto? É alguma coisa? O que é que você acha que é isto?

Clélia - Está na superfície...

21. DSL - Heis?...

Clélia - Está na superfície. Está parado na superfície da água.

22. DSL - Está na terra?

Clélia - Superfície da água.

23. DSL - Ah, na água. De que tamanho você acha que é? Que tamanho você acha que tem?

Clélia - Não dá para distinguir o tamanho exatamente. Mas, eu sei que é grande.

24. DSL - Tem alguém? Você está vendo alguma coisa lá dentro?

Clélia - Não, não. As pessoas que estavam tomando banho saíram de dentro da água. Estão todas umas acontechadas nas outras... feito pânico.

25. DSL - Veja bem. Veja bem o objeto agora e repare bem, com toda a atenção. Você só da atenção basicamente ao objeto que está vendo, dá detalhes.

Clélia - Está parado.

26. DSL - Veja bem.

Clélia - Comprido. E tem um tipo de iluminação.

27. DSL - Veja bem.

Clélia - iluminação estranha, esquisita.

28. DSL - Descreva a iluminação que está vendo e dê mais detalhes. Ele está se deslocando ou está quieto, parado?

Clélia - Quietos, quietos, porque, porque... Que é aquilo? Não sei... Meu Deus, não estou sentindo medo! Eu estou sentindo dores fortes no ouvido, de ficar neste sol!

29. DSL - A dor vai melhorar agora, não se preocupe. Não vá prestando atenção agora no barulho. Preste atenção ao que você está vendo. O objeto. Tem a luz, modificou? alguma novidade?

Clélia - Não.

30. DSL - Qual é a cor?

Clélia - Continua tudo na mesma. (Falando baixinho)

31. DSL - Mais alto!

Clélia - Continua tudo a mesma coisa.

32. DSL - Vá descrevendo. E agora? Que está acontecendo?

Clélia - Agora, eu estou sentindo, estou sentindo uma coisa diferente...

33. DSL - Como?

Clélia - Eu estou sentindo que alguém está me carregando pelos braços.

34. DSL - Quem é? De que maneira?

Clélia - Os meus pés não estão tocando.....

35. DSL - Como é essa pessoa? Veja bem, veja. Agora você pode ver bem.

Clélia - Eu não posso ver porque os meus ouvidos estão doendo e minhas mãos estão seguras.

36. DSL - Olhe, faça um esforço. Não preste atenção agora aos seus ouvidos. Você está prestando atenção à pessoa que está lhe Veja bem, como é sua roupa, como é o tamanho, o seu tipo, veja bem. Parece um homem? (Pausa) Veja bem, preste atenção. NÃO dê atenção aos seus ouvidos.

37. DSL - Estranho? Dê detalhes, agora! Estranho como?

Clélia - Não sei explicar. O rosto, não consigo ver.....

38. DSL - Com que tecido? É um tecido igual ao nosso? Assim? Como é?

Clélia - Parece um tipo de tecido diferente. Mas não amassa, não amarrota.

39. DSL - De que cor? Branca?

Clélia - É.

CIPEX e GENA
2004

40. DSL - Tem brilho?

Clélia - Um pouquinho de brilho.

41. DSL - É fechada? Tem botões?

Clélia - fechada.

42. DSL - Descreva bem agora. Só preste atenção a esses detalhes.

Clélia - Eles têm braços firmes, bem firmes.

43. DSL - Eles estão segurando você?

Clélia - Estão sim.

44. DSL - De que modo eles estão segurando?

Clélia - Pelos braços.

45. DSL - Pelas axilas?

Clélia - Sim.

46. DSL - E você está com medo? Está sentindo o quê?

Clélia - Não, eu não estou com medo. Não tenho medo.

47. DSL - Falaram alguma coisa a você? Você viu alguma coisa?

Clélia - Disseram uma coisa só.

48. DSL - O que foi?

Clélia - Disseram para eu ter calma, calma.

49. DSL - Falaram com voz natural?

Clélia - Não. É como se eu estivesse escutando: "Calma! Calma!..."

50. DSL - Dentro da cabeça?

Clélia - A dor vai passar. A dor vai passar. E falaram me carregando, carregando... Agora, eu estou dentro de uma coisa esquisita.

51. DSL - Preste atenção. Eu quero que você me diga tudo o que está vendo agora, com todos os detalhes! Preste atenção. A coisa que você está vendo, como é? de que tamanho? qual o mobiliário? qual é o tipo de luz? tem gente ou não tem? que estão fazendo? Veja se distinguem bem tudo isto gravado? Agora, veja bem, que não escape à sua observação!

Clélia - Eu estou numa (incompreensível).

52. DSL - Fale mais alto, mais alto!

Clélia - Eu estou numa coisa que acho seja uma plataforma, com umas janelas seguindo o mesmo feitio do objeto. É tudo branco, de um material que nunca vi. Tudo muito limpo, um brilho estranho, mas é um tipo de iluminação; não é forte, é fraca, mas, ilumina bem.

53. DSL - De onde é que vem a luz?

Clélia - De cima, da parte de cima.

54. DSL - Você vê algum foco de luz?

Clélia - De cima, vem de cima.

55. DSL - Mas, onde ela

Clélia - O quê?

56. DSL - Sim. Mas ela tem um foco, tem uma lâmpada, um negócio assim?

Clélia - Não dá para distinguir.

57. DSL - Ela é (indistinto)

Clélia - Não. É uma cor sô, mas é fraca.

58. DSL - E agora? O que estão fazendo?

Clélia - Agora, estão deitando um rapaz num banquinho próximo. A meu ver, parece que ele está morto, esquisito.

59. DSL - O que é?

CIPEX e GENA
2004

Clélia - Não sei quem é.

60. DSL - Mas é uma figura humana?

Clélia - É. Estava na praia.

61. DSL - Ah, estava na praia?

Clélia - Eu não sei...

62. DSL - Como é que ele está?

Clélia - Não sei se (ininteligível)

63. DSL - De que maneira está?

Clélia - Está de blusão.

64. DSL - Como é?

Clélia - Está de blusão.

65. DSL - Veja bem!

Clélia - Ele não chora. Ele não grita. Parece que ele não sente as mesmas dores que sinto. Estão se aproximando de mim. O que será que eles querem?

66. DSL - São iguais, os dois?

Clélia - São.

67. DSL - São tipos que você conheça parecido? Humanos?

Clélia - Eles caminham com passos humanos, mas, não se vestem como pessoas humanas.

68. DSL - Como é que você (incompreensível)

Clélia - Estão muito protegidos. O tipo de roupa protege bem, muito bem, o seu corpo e sua cabeça.

69. DSL - Que fazem agora?

Clélia - Agora, eles se aproximam de mim, me pegam como num passe de mágica. A porta está se abrindo. Nunca vi uma porta se abrindo assim.

70. DSL - O que mais?

Clélia - É... estou ficando maluca. Não é possível!

71. DSL - Por que?

Clélia - Que é que eu estou fazendo aqui, nesta coisa que não conheço? Não sei o que é? Pior é meu ouvido; dói, dói muito. Tudo isto para mim é estranho, é estranho. Eles estão me deitando numa mesa. (Clélia, cansada e agitada) Ah! Ah! estão me deitando tão livremente. Não me amarram, não fizeram nada, ... ser para eu descansar então desta agonia que estou sentindo, desta dor, deste ruído que não passa e esta mesa, esta mesa estranha... Também acho que me saiu o ruído esquisito. Eu estou ouvindo. Não sei o que é, mas, eu estou ouvindo, eu estou sentindo. Se esta dor pudesse parar, para eu poder prestar atenção a tudo, a tudo... (chora).

72. DSL - Isso passa, não há dor. A dor não interessa...

Clélia - Eles, agora, botaram o rapaz numa mesa igualzinha a que eu me deito.

73. DSL - (Incompreensível)

Clélia - O mesmo que fizeram comigo. Apenas ficaram parados alguns instantes.

74. DSL - Não fizeram nada? Não colocaram o aparelho?

Clélia - Não! Não! Não! Agora eu posso ver... um tipo de luz, nunca estive pode-se olhar como se eu tivesse tirando raio-X e a mesa também.

75. DSL - Veja bem.

Clélia - A mesa..... uns ruídos dife

rentes, como se estivessem registrando alguma coisa.

76. DSL - Veja bem! Veja tudo, não perca nada!

Clélia - Agora, eles estão se afastando cada vez mais. A sala não é muito grande.

77. DSL - Veja o que você observa nesta sala.

Clélia - Eu só vejo, nesta sala, estas mesas. Escuto estes ruídos. Este tipo de luz parece que está... eu não sei, não entendo bem, mas, parece uma máquina, um troço assim como se estivesse me fotografando o corpo todo. Eu não sei, eu não sei, não entendo.

78. DSL - Como é o aparelho? Uma máquina? Uma máquina fotográfica?

Clélia - É um tipo de iluminação estranha. Ela desce um pouco do teto do objeto e emite um som suave e se afasta um pouco.

79. DSL - Dê mais um pouquinho de detalhes.

Clélia - Eu vou contar tudo o que sei. Eu vou voltar ao mesmo local onde esta coisa Agora, eles foram embora. Vou novamente (sendo levada) pelos braços dos outros. Vê, aquele rapaz! Está morto! Não foi atacado por astronautas?

CIPEX e GENA
2004

80. DSL - O que eles respondem?

Clélia - (E) Porque aquele rapaz é fraco! (Está desmaiado). Ele não vai sair dali (para outra sala) porque a idéia (dele) é pouca. (Ele) Tem a idéia fraca. O rapaz poderia ficar perturbado, não iria nunca entender o que está se passando. (*)

81. DSL - O que você perguntou?

Clélia - As pessoas que estão fazendo isso não são as mesmas, pois, só desejo paz, paz e amor. Eles respondem que é justamente por eu não entender que estou ali. Eles pedem que eu me levante e vá para outra sala. Estamos na outra sala.

82. DSL - Onde você estava?

Clélia - Próximo dali mesmo. Mas (inaudível) bem pequenininha (o recinto?)

83. DSL - Qual o tamanho da sala em que você estava?

Clélia - Uma sala triangular. Nunca vi uma sala assim... Eles me disseram para eu "me aguentar", que meu ouvido vai passar.

84. DSL - E você ficou lá?

Clélia - Fiquei sim. Um objeto saindo da parede e chegando bem próximo ao meu ouvido...

85. DSL - Qual o aspecto do aparelho da sala?

Clélia - Está saindo da parede um tubo assim, parecido uma sanfona... Ele se desloca e tem um tipo feito uma sanfona...

86. DSL - Você perguntou a eles para que serve o aparelho?

Clélia - Não, não perguntei. Porque meu ouvido já parou de doer. E então, me viraram do outro lado. Sai dali uma luz roxa, uma luz roxinha. Agora, o objeto está se afastando de mim, está sumindo na parede. Agora, meu ouvido não dói mais.

87. DSL - Veja tudo quanto é importante. Não deixe escapar detalhe algum. Veja tudo.

Clélia - Ele me levantou da cama, me sentou e pergunta: "Agora, está sentindo mais alguma coisa?" Eu disse: "Não, não estou sentindo mais nada." - "Acredite que estamos aqui não é para prejudicar ninguém!". Eu respondi que sim, que acreditava.

88. DSL - Qual é a sua noção?

Clélia - Eu acho estranho, porque aquela dor passou. E ponho a mão no ouvido e ele responde que não, que não, que vou ficar com uma marquinha agora; que eu não devia ter botado a mão, que aquilo era uma cirurgia. Eu não sabia que era uma cirurgia.

89. DSL - Para quê, a cirurgia?

Clélia - Porque tinham me arrebatado os tímpanos. A dor era tão forte.

90. DSL - E ele deu pontos?

Clélia - A impressão que eu tive é que

(*) OBS.: O rapaz foi deixado inconsciente, de propósito, pelos tripulantes, como já foi explicado por Clélia em seu relato no estado consciente.

havam me arrebatado os tímpanos, entende? Quando ele falou em cirurgia, eu... ele falou em cirurgia e disse... porque cirurgia, isso, não é uma cirurgia que você fez.

91. DSL - Será que ele não sabia que aquele barulho poderia estourar os seus tímpanos? Ele, eles rebentaram?

Clélia - Não sei.

92. DSL - Não verificaram não?

Agora, que você já está bem, dor minto, o que se passou mais? Faça um bom resumo daquilo que for importante. Você conversou com ele?

Clélia - Conversei.

CIPEX e GENA
2004

93. DSL - O que você conversou?

Clélia - Ele disse: "Agora, você tem confiança na gente.". Eu disse: "Tenho.". Ele disse: "Agora, que você não está sentindo dor alguma, você pode conversar direitinho.". Eu disse: "Não tenho problema algum de dor."

94. DSL - Qual foi a conversa?

Clélia - Ele disse: "Eu quero lhe fazer algumas perguntas.". Eu disse: "Está bem; pode fazer.". Ele respondeu: "Mas, primeiro, você vai visitar minha sala.". Eu disse: "Que sala?". Ele disse: "Minha sala de comando, a minha sala de comando. Sou eu quem comanda esta nave. Isto é uma nave espacial e eu vou mostrar tudo a você.". Respondi: "Mas eu não entendo nada disso.". Ele disse: "É por você não entender, que você vai ver. E tranque minha porta.". A sala é bonita e engraçada. Tem um vidro grosso, da mesma largura do objeto; mas não dá para distinguir o mar, nem o céu nem a terra, que tem uma brumazinha luminosa, também envolvendo. Ele disse: "Observe isto. Isto tudo é para o controle nosso. Eles têm vários aparelhos. Todos eles têm também várias peças que servem para locomover uma coisa ou outra. É difícil você entender tudo isto que você está vendo, mas, tenho uma pergunta para lhe fazer.". Eu disse que sim. Ele disse que eu podia responder a todas as perguntas (feitas por ele), porque eu era diferente do rapaz. Eu disse:

"Diferente em quê?". Ele respondeu: "O rapaz, o corpo dele é perfeito. O seu, não. Que marca é essa que você tem?". Eu disse: "Mas, eu ainda continuo vestida, minha roupa não foi tirada! Como é que o senhor sabe que eu tenho uma cicatriz?". Ele disse: "Todo o seu registro foi feito, assim como o

do rapaz também, certo? Por isto, que eu sei que você tem uma cicatriz. Eu quero saber o que é isso.". Então, eu disse para ele que eu tinha feito uma cesariana, foi uma operação, havia seis meses. Ele me perguntou porque é que fiz a cesariana. Expliquei tudo direitinho a ele. Ele estranhou ter ficado aquela marca e disse que a cirurgia (terrestre) está muito atrasada.

95. DSL - Ele não falou como teria feito a cirurgia, lá por eles?

Clélia - Ele disse que teria, se tivesse que fazer uma cirurgia, não ficaria marca alguma.

96. DSL - Muito bem...

Você não explicou como foi leva da lá pra dentro. Se foi pelas mãos deles ou se foi...

Clélia - Eu perguntei a eles como foi que me levaram lá para dentro; e a segunda vez que eu falei, eles se aproximaram de mim tudo direitinho, bonitinho..... Ele explicou.

97. DSL - O que ele explicou?

Clélia - "Você veio para aqui da mesma forma que eu entrei.". Eu Eu sairei de lá.

98. DSL - Mas você não explicou...

Clélia - Expliquei.

99. DSL - Como?

Clélia - As pessoas que ficaram na praia ficaram sem movimento algum, elas não viram o transporte meu, nem do rapaz, nem na ida, nem na volta.

100. DSL - E como foi o transporte na ida e na volta?

Clélia - Fui primeiro. Eles tiram das pessoas que ficaram na praia, tiraram tudo... entendeu?

101. DSL - Perfeitamente.

Clélia - Daí, eles se aproximaram de mim. Depois, do rapaz, da mesma forma.....

102. DSL - Pela mão?

Clélia - Não, não foi pela mão. Eles carregaram pelos braços, com as mãos molhadas.

103. DSL - Com as mãos molhadas?

Clélia - Sim. Do objeto até o local on
de nós estávamos.

104. DSL - Qual era exatamente a seção?

Clélia - Não dá para ver. Não dá para
ver direito, porque o mate-
rial é compacto (opaco?), a mesma ma-
téria que invade o objeto envolve os
tripulantes.

105. DSL - Aquela neblina? CIPEX e GENA

Clélia - Aquela neblina. 2004

106. DSL - Era uma pessoa ou eram duas, as
que levaram vocês?

Clélia - Duas.

107. DSL - Uma de cada lado?

Clélia - Uma de cada lado.

108. DSL - A ponte dava passagem para três
pessoas?

Clélia - Não dá para entender.

109. DSL - E na entrada do aparelho? Você
via porta?

Clélia - Quando chegamos perto, uma
porta se abriu. Uma, não.
A porta se dividia, como se fosse uma
porta mágica.

110. DSL - Uma para cada lado?

Clélia - Uma para cada lado. Depois,
ela fechava.

111. DSL - Depois abriu a outra?

Clélia - Depois, tinha outra, antes
da passarela.

112. DSL - Era um corredor circular?

Clélia - Era da mesma forma do objeto.

113. DSL - Você passou por mais de duas por-
tas?

Clélia - Passei. Passei a primeira, de-
pois, a segunda.

114. DSL - Antes de sair, vocês passaram ou-
tra vez pelas mesmas portas na
saída?

Clélia - Sim.

115. DSL - O que a pessoa falou? Falou o no-
me dela?

Clélia - Não.

116. DSL - Falou o seu nome?

Clélia - Falou que sabia como (por

quem) tinha processado (pela
máquina) (muito baixo).

117. DSL - Fizeram uma combinação para mais
tarde?

Clélia - Foi o que ele falou.

118. DSL - E como é que é? Você dava uma no-
ta especial, um número?

Clélia - Não. Ele disse que havia fei-
to o registro.

119. DSL - E como é que vão chamar você?

Clélia - Ele falou para mim: "Você vai
saber seu registro."

120. DSL - E você vai saber seu registro?

Clélia - Sim.

121. DSL - Qual é?

Clélia - 3. S R K O.

122. DSL - O que quer dizer isso?

Clélia - Isso aí é o que ficou lá, pa-
ra o registro meu.

123. DSL - E quando vão chamar você?

Clélia - Eu não sei.

124. DSL - Agora, Clélia, você vai desper-
tar daquela fase chamada amnésia
(esquecimento) e vai contar tudo aqui-
lo que eles não permitiram.
Quanto tempo você ficou dentro da na-
ve?

Clélia - Uma três horas e trinta minu-
tos.

125. DSL - Mas, estamos aqui com você há
mais de uma hora. Você não acha
que tem mais (coisas), que você não te-
ve oportunidade de falar ainda? Agora,
você está falando com a permissão de-
les. Agora, você vai vencer e vai po-
der relatar, pois você só está que por
que eles o permitiram, não é verdade?
Já não há razão para conservar esta am-
nésia.

Clélia - Não há tempo para viver naque-
la sala. A sala que eles fala-
ram que era sala de comando do que me
fiz várias perguntas sobre nós.

126. DSL - Você está naquela sala, naquela
data, vivendo com realismo to-
tal, sem perder detalhes.

Clélia - Ele perguntou como era que
nós vivíamos.

127. DSL - Mas, você não deu detalhes sobre
como era a vida dele. Você não

perguntou também não?

Clélia - Perguntas foram só feitas a mim.

128. DSL - Você não fez nem uma pergunta a ele?

Clélia - Não me foi permitido fazer perguntas.

129. DSL - Como foram as perguntas deles?

Clélia - Perguntaram como era a nossa vida, de um modo geral. Eu perguntei por quê. Porque o homem é muito agressivo, porque ele está sempre assim, de modo geral ... uma pessoa que só pensa em guerra, só pensa em ferir. Eles disseram que este era o motivo primordial para entrarem em contato com os terrestres.... E que, através de mim, eles iriam colher muita coisa sobre o homem, sobre a maneira que a gente vive aqui, na Terra. Eles disseram que não poderiam, sob hipótese alguma, descer em qualquer lugar, (mas, sim) água, onde houvesse grama e mar. Mas que haveria sempre um meio de comunicação. E eu perguntei a eles se, um dia, ele poderia comunicar-se comigo, porque eu estava louca, doí-dinha, para levar alguma coisa dali de dentro, que era para provar a todo mundo que eu tinha estado ali. Ele disse que não, que não era o momento certo, que eu tivesse paciência, porque, quando esse dia chegasse, eles iam ver sim, mas não (dariam) apenas um objeto e sim um documentário, um documentário para eu levar a quem quisessem que eu o levasse.

A quem eu posso levar, se não conheço ninguém? Ele me respondeu: "Mas, você conhece. E vai saber a pessoa certa para entregar. É por este motivo que você vai passar por uma amnésia."

130. DSL - Mas, ficou certo que vocês vão se encontrar outra vez?

Clélia - Eu acredito que sim.

131. DSL - Por que?

Clélia - Porque eu já encontrei a pessoa.

132. DSL - Já encontrou?

Clélia - Já.

133. DSL - Como foi isso?

Clélia - (Calada).

134. DSL - Quem é a pessoa? É daqui da Terra?

Clélia - É daqui da Terra ...

135. DSL - Você já teve contato com ele, não?

Clélia - O que ele vai me dar eu tenho que entregar a uma pessoa.

136. DSL - Um objeto, qualquer coisa?

Clélia - Eu tinha que entregar a uma pessoa. Eu disse que não conhecia ninguém.

137. DSL - Um momentinho. Espere aí, deixe ajeitar aí a fita (da gravação), para ver todas as coisas que constituíram aquela fase de amnésia. Você vai relembrar, vai reviver de novo, vai viver de novo. Oh, Clélia, veja bem, vá falando tudo o que aconteceu de importante naquela fase de amnésia.

Clélia - Foi nessa sala que achava bonita e interessante. Tinha vontade de carregar, uma vontade imensa...

138. DSL - O que você queria mais carregar de lá?

Clélia - Qualquer coisa, qualquer coisa.

139. DSL - Que objeto era?

Clélia - Qualquer coisa.

140. DSL - Qualquer coisa.... Que objeto você estava vendo?

Clélia - Qualquer coisa.

141. DSL - O que era que tinha aí de mais importante?

Clélia - Tinha uma coisa que eu achava que era adorno. Tinha uma parede, eu dizia assim para mim que esse material não existe na Terra, vocês não têm esse material. Eu tocava em tudo que achava bonito e pedia. Ele dizia que "Não pode. Não deve carregar nada, porque não vão acreditar em você. Ainda não é chegado o tempo certo para você ter alguma coisa. Vai ter ter uma coisa de grande base, um documentário para entregar a alguém." Eu disse: "Mas, eu não conheço ninguém." "Mas vai conhecer e vai entregar a pessoa certa, certinha. Você vai passar por uma fase de amnésia. Durante essa fase de amnésia, você vai passar por muitas sortes em sua vida. Sua vida vai se modificar e você vai sentir tudo isso. Você vai sentir o momento certo. Você vai receber o seu código, vai receber instruções, receber ordens para vir a deter-

minados lugares, para ter o que você precisa ter. Muitas coisas vão acontecer."

142. DSL - Mais alto.

Clélia - (repete) "e muitas coisas vão acontecer."

143. DSL - A mais?

Já se passaram vinte anos. Agora você pode falar todas as coisas?

Clélia - Posso falar sobre qualquer coisa.

144. DSL - Falou tudo o que tinha que falar ou tem alguma coisa que você não falou ainda?

Clélia - Foram feitas perguntas sobre nós, nossos procedimentos aqui na Terra, sobre o movimento aqui nosso. Que o aspecto era tão ruim... era guerra, maldade... necessidades. Esse é o ponto primordial. Eles se agarram demais nisso. Porque acham que não podem, de maneira alguma, se aproximar do homem enquanto esse pensamento existir, de agressão. Porque eles têm uma força muito grande que pode destruir o homem.

145. DSL - Que tipo de força? Você sabe?

Ele falou alguma coisa, deu uma idéia de que força é essa?

Clélia - Deu sim.

CIPEX e GENA
2004

146. DSL - Como é que você está? Que tipo de energia? Eletromagnética?

Clélia - Ele deixou transparecer uma coisa.... é mental, a força mental que eles têm é grandiosa.

147. DSL - Não falou mais sobre uma possível ocupação de outro, outro espaço que não o nosso.

Clélia - Falou que eles são de outro planeta.

148. DSL - Mas, do mesmo espaço? Do mesmo universo?

Clélia - Do mesmo universo.

149. DSL - Não pessoal?

Clélia - Não perguntei.

150. DSL - E a época agora é mais favorável?

Clélia - Sim, é mais favorável.

151. DSL - O homem está melhor?

Clélia - Está mais acessível. Ele já pede, já aceita o ponto de

vista sobre os discos voadores.

152. DSL - Vários, para todo mundo ver?

Clélia - Eles já estão descendo, vários.

153. DSL - Fazendo o quê? Permanecendo aqui na Terra, fazendo o quê?

Clélia - Estão fazendo estudos sobre nós e sobre a Terra.

154. DSL - Como é que você sabe disso tudo?

Clélia - Como eu sei?

155. DSL - Sim.

Clélia - Porque...

156. DSL - Por que eles não conversam com os cientistas, que podem dar informações mais precisas? Conversam com pessoas, assim, inteligentes, mas que não têm um preparo técnico. Como você, por exemplo. Se ele perguntar qual é a constituição de seu sangue, você não sabe dizer. Se eles conversassem com médicos, por exemplo, teriam informações melhores. Entendeu isso?

Clélia - Entendi.

157. DSL - Se ele conversa com químico, com físico ... quais são as forças que tem aqui, (sobre) matemáticas usadas, sobre outros espaços, outras coisas...

Clélia - É (por causa das nossas) ambições desenfreadas. Porque essa pessoa que o senhor está falando seria de uma ambição desenfreada, querendo tirar proveito disso. Porque não há número de pessoas que se dedicam de uma largura (base moral) toda científica.

158. DSL - Você disse que falou com um deles mais uma vez, ou não entendi bem. Falou com ele mais uma vez?

Clélia - Falei só naquela época. Na outra vez, eu tive a impressão de que estivesse sonhando.

159. DSL - Qual é a diferença? Qual a diferença do sonho e essa experiência que você viveu?

Clélia - A experiência, a experiência da praia foi ruim. Eu sentia dores e, na outra, não.

160. DSL - Qual foi a outra?

Clélia - A outra, estava em casa, deitada. Procurei ficar bem cal-

ma, sem ruído nenhum, não tinha ninguém em casa. Então, fiz todo o possível para entrar em contato.

161. DSL - Assim foi depois o terceiro último dia, não foi? Então, conta lá que é que aconteceu.

Clélia - Então, senti uma paz, uma coisa muito boa. Mas eu não dormi, eu não dormi. Eu estava com as pálpebras cerradas e vi aquele rosto na minha imaginação... exatamente igual..

162. DSL - Na sua imaginação, você disse? Como é que você pode fazer a diferença entre a sua imaginação e tudo isso que você relatou, que viveu? Qual é a diferença entre a sua imaginação e a coisa real, vivida?

Clélia - Qual é a diferença?

163. DSL - É!

Clélia - A diferença é que saí (da 1ª vez) para ver uma casa e me assustei na rua. Em casa, (na 2ª vez), eu estava calma, eu estava "buscando aquilo!..." Eu mesma estava desejando. A diferença é esta.

164. DSL - Você acha então que tivesse desmaiado por qualquer motivo, inclusive após ter ficado no sol muito tempo e tivesse sonhado com isso tudo? É possível?

Clélia - Não, não. Eu não desmaiei.

165. DSL - O sol não a fez desmaiar?

Clélia - Não.

CIPEX e GENA
2004

166. DSL - Nunca havia desmaiado na vida?

Clélia - Não.

167. DSL - Não desmaiava nem depois?

Clélia - Não.

168. DSL - Só poderia ser um sonho se você houvesse desmaiado e sonhado nesse período. Mas isso não aconteceu, não é verdade?

Clélia - É.

169. DSL - Você tem vontade de um contato, então, maior com ele?

Clélia - Tenho.

170. DSL - Então, venha cá, vamos fazer o seguinte, estar numa condição, num estado... Agora, você vai repousar uns minutos mais e você vai esperar, nesses minutos. Mas, vamos pedir a nós mesmos amigos se eles querem aproveitar

você num estado de receptividade, se eles querem dar alguma comunicação, fazer crítica ao trabalho que nós estamos fazendo. Sugerir outras coisas e complementar tudo isso sobre você. Coloque-se como um canal passivo, autêntico, para receber qualquer mensagem, porque você está num estado ideal, justamente para isso. Porque seu consciente não está atrapalhando você. Vai repousar bastante agora uns minutos mais. Quando você me ouvir falar novamente, você estará em condições. Acompanhando esse trabalho que você já falou até agora, é sinal de que eles estão de acordo, que dão permissão. E então acontecerá isso e depois que falasse, você serviria de canal. Se eles quisessem dar uma mensagem, eles poderiam fazer agora, quando você voltar a falar. Então, descanse um bocadinho.

- Foi intercalada uma pausa de meia hora -

DSL - Então, você está exatamente em condições melhores para servir de canal. A qualquer interferência de nossos amigos que querem manter contato ou criticar, ou acrescentar, ou dar sugestões, enfim, em suma, estamos aqui, inteiramente a serviço deles, à disposição. Demos tempo para que você fizesse seu repouso, necessário para que fizesse canal de comunicação, de você com aqueles mesmos seres que, por ventura, queiram aproveitar seu estado favorável para canal.

Qualquer um pode se aproveitar de seus lábios, para conversar conosco, seu aparelho vocal.

Clélia - Não acredita, não acredita não...

171. DSL - Ah! Tem que ser fora, não será nas condições em que você está agora?

Clélia - Não!

172. DSL - Por que essas condições não favorecem o contato? Nós estamos aqui bem, com a melhor intenção, ajudando você... Isto não serve, não facilita a comunicação?

Clélia - Facilita. Mas, para vocês não vai ser considerado válido. Eles (vocês) querem uma coisa maior, prova de material não existente aqui na Terra.

173. DSL - É importante para nós, mas, se eles tivessem uma mensagem que der uma substância... que continuem.. Isto já seria uma excelente... Se eles dissessem: "Tal dia, tal hora, em tal

lugar, vocês terão aí um avistamento da nossa nave.", é possível fazer isso?

Clélia - Eles acham que isso não é necessário porque eles já têm feito isso várias vezes, em vários lugares e está ficando de maneira acentuada cada vez mais.

174. DSL - Muito bem. Então vamos esperar que eles encontrem uma solução para isso.
Como é que está agora? Dorme?

Clélia - Durmo.

175. DSL - Em estado de hipnose ou está acordada?

Clélia - Durmo, em estado (de)hipnose.

176. DSL - Mantenha-se assim, tranquila, re-
pousando. Você quer dar por en-
cerrada a nossa experiência de hoje?

Clélia - (Se) Você pudesse...

177. DSL - O que! Quer dizer que há algo!
Então vê, Walter (referência a
W. Buhler, presente à sessão), você
quer alguma coisa a mais?

Dr. Buhler - Não.

178. DSL - Eles não poderiam dar uma idéia
a você? Acaso, onde estavam, não
é difícil eles avisarem por seu inter-
médio?

Clélia - Não, não é difícil. Esse do-
cumentário poderá ser o prin-
cípio.

179. DSL - Ele virá breve?

Clélia - É bem possível.

180. DSL - Então, você diga que, logo te-
nham a indicação, eles nos honra-
riam com sua confiança. Nós estaremos
aí para acompanhar você.

Pergunte a eles, que esse ano não tem
sido muito fértil, frequente o avista-
mento aqui, aqui, no Brasil, quais são
as condições que favorecem essa des-
cida deles aqui, em nossa atmosfera, pa-
ra o nosso lado, aqui.

Clélia - Melhores condições.

181. DSL - Por quê?

Clélia - Porque, apesar de o terrestre
ser agressivo, ainda se vive
um pouco melhor. Mas, a guerra...

182. DSL - Não digo nesse sentido. Digo,
nas condições fisiológicas ou
climáticas, por que razão que há oca-
sião em que eles aparecem naquelas zo-
nas, muito frequente, ora menos (ou-
tras).

Clélia - Não! Isto não! Eles estão a-
parecendo mais frequente.

183. DSL - Mas, os contatos somos nós. Só
avistamento, não é?

Clélia - Mas, os contatos são mais fre-
quentes.

184. DSL - Mas, os contatos somos nós. Não
é onde está sendo feito o melhor
contato, aqui, na América do Sul?

(of the nr. 129/131, in portugues written SBEDV Bulletin)

Four of the six chapters of the Bulletin are related to research.

Chapter nr. 6

deals about the case of an abduction by Ufonauts.

The event took place in 1956, near a beach of the bay of Rio de Janeiro on the side of Niteroi, then the capital of the state of Rio de Janeiro.

A housewife, then 22 years of age, living in Niteroi, on a sunny day were looking for a small house, situated near said beach, at a suburb of Niteroi, so to buy it and move in it with her family. On her way back, when awaiting the bus on a road, running along said beach, her attention got attracted by a faint noise, apparently caused by a luminous point somewhere in the sky over the bay.

This point approached the beach rather swiftly and when it got near the surface of the water everybody saw that it was a disc shaped craft producing an unbearable noise, so that the bathers on the strand in fear and panic huddled in groups and the witness covered her ears with her hands for the pain caused by the noise.

The event was followed apparently by a gap in the witness consciousness, since the next thing she remembers was that she were put on a stretcher by two masked men, inside a curved hall and in the following she was attended by an unmasked man, who spoke to her in the portugues language.

He explained her that she had been brought on board of a space-ship, so to undergo a physical examination and he promised her that in a short time the odd noise she still were hearing would get stopped. After the physical by sort of a x-ray machine, the noise ceased and the man, who told her to be the captain of the ship, showed her around and asked her many questions about life on Earth.

He also told her that his people were afraid to show themselves openly on Earth, since they feared the agressiveness of Earth' forces of "defense". He also said that for the time being no deals could be strikken between the forces of Space and governments on Earth, since the latter were still divided by mutual distrust, greed and egoism.

There may be still a second gap on the witness' memory, since suddenly she found herself once again waiting on the bus stop, together with the bathers, she had seen earlier on the beach. The witness found it also highly strange that nobody in the bus on the way back to Niteroi would talk, one to another, with the exception of the question for the hour, put up by somebody and replied by somebody else. By this means understood the witness that several hours had passed since she had been abducted.

Also the witness' watch, from that said day on, would cease to work properly and even so the watch were sent to three watchmakers in a row, none of them could repair the watch properly.

At the time of SBEDV's research about the case, Professor Dr. Sylvio Lago, a medical doctor, in Brazil also a well known hypnotist, parapsychologist and ufologist, by a plea of SBEDV and permission of the witness, put the latter in deep hypnotic transe, for a regression to the ufo-episode.

During the regression reported the witness her abduction in the same way as previously told in consciousness, but still some new details and facts could be discovered.

Chapters nr. 4 and 5

but specially the latter, focalizes on some points, important for present day ufo logy.

One such point is related to ufo field investigation of the witness and of the site of an ufo landing. SBEDV for this purpose had gotten a most valuable help and advice by Belo-Horizonte's psychologist Hulvio Brant Aleixo, also President of CICOANI (C. Postal nr. 1675, Belo Horizonte, MG, Brazil), Brazil's oldest group of Ufo research (since 1954).

Later on, São Paulo's ufologist Willi Wirz gave SBEDV some tips and details about the localisation of Ufo episodes in said state, so at Caconde (where a cylindrical ufo artefact, collected by the finder in his samll house, at night-time would fly back to its origine, piercing on its way up the roof of the little house), Itapeva (the town where an ufo landed and was photographed at close range) and Pirassununga (the town where the witness established contact with a spacecrew, making to them friendly gestures). In all those cases SBEDV would heed for the advice given to it by CICOANI.

Another "must" in ufology is the editing of Bulletins, since it's the trade mark of the eagerness, insight and sincerity of an ufological research group. This is important since the secret services have taken position in some of the ufological groups, have set up their little tricks, traps and intrigues, which, in the past have caused frequent troubles and quarrels.

It seems that "Consumers Society", Bilderberg's multinational bankers and security councils fear the philosophy and far advanced technique of the extraterrestrials. Therefore they put up their "conditioned" Ufo-experts, Condon and Roberson Committees and the UNO UFO Commission may also be part of those little tricks.

By this reason should each research group make a subscription to one or several of those Bulletins, of Ufo research Societies believed to be in confidential contact with politic or government agencies, so to know beforehand its trends and future tricks.

Chapters nr. 3

deals with the obituary of the late Dr. (of dentistry) Mário Prudente Aquino, an old hand in SBEDV's Brazilian Ufo research and therefore known outside Brazil alike. Mário had also a large part in the field-investigation of Antônio Vilas Boas' contact case as already made known by SBEDV Bulletins nr. 26/27; nr. 90/93 and Special Bull. 1975, pag. 45. As a valuable detail nevertheless not yet mentioned we may tell that Mário, the day after SBEDV's interview with Vilas Boas at São Francisco de

Sales, visited personally Vila Boas' farm, so to look into the family background and to get still more details about the episode. It were then that Mário, with a natural gift for design, would make the sketches which accompanied the illustrations said above Bulletins.

Mário, by the kindness of his heart and disarming openness conquered also the friendship of the late ufologist Dr. Olavo Fontes who 4 years before Mário (in 1958) had done a most thorough and outstanding research about the case of Vilas Boas. Therefore, Dr. Fontes, in confidence handed over to Mário this his own research record about this case, with the plea to send it to Mr. Gordon Creighton of the Flying Saucer Review in England, eventually for getting published in the Review. Mr. Creighton's sharp eye of a diplomat had already caught the importance of the Vilas Boas case, by the manner it had been described in an enshortened way by the SBEDV Bulletin. Dr. Fontes's report which followed it in the "Review" became then sort of a crown jewel for Dr. Creighton's work.

In an afterthought of now about 17 years, Vilas Boas case' after its publication in the Review, we think that Mr. Creighton's courageous gesture had the effect of a block buster, in so far many old fashioned ufologists, having been shying away from contact cases before, now they opened their Bulletins for those contact cases, first in a faint trickle which has been lately become a powerful stream.

In regard to our late Mário and Dr. Fontes, it seems an irony of destiny that those two excellent research people should not have lived to see their own work bear the fruits, for which they had been working.

Answer:

CIPEX-Centro de Investigação e Pesquisa Exobiológica
Caixa Postal: 24.555 - Agência Uberaba - Curitiba
Paraná - Brasil- Cep. 81.570-971
e.mail: cipexbr@yahoo.com